

COLEÇÃO: *COLLAGE DE CULTURAS* – VOLUME II

MAGGIE'S CENTRES

III *Workshop* de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN



ORGANIZADORES

Clarissa de Oliveira Pereira
Francisco Queruz

COLEÇÃO: *COLLAGE DE CULTURAS* – VOLUME II

MAGGIE'S CENTRES

III *Workshop* de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN

ORGANIZADORES

Clarissa de Oliveira Pereira
Francisco Queruz

UNIVERSIDADE FRANCISCANA
SANTA MARIA | 2022

WORKSHOP FUNDACIÓ ENRIC MIRALLES E ARQUITETURA E URBANISMO UFN:

ESTUDIO EMBT – MIRALLES TAGLIABUE

Benedetta Tagliabue
Diretora do estúdio EMBT
Presidente da Fundació Enric Miralles

COORDENAÇÃO FEM – FUNDACIÓ ENRIC MIRALLES

Anna Vilà
Roberta Landino

TUTORES (ORIENTADORES)

Salvador Gilabert
Nil Corominas

CONFERENCISTAS

Joan Callís
Valentina Nicol Noris
Xavier Ramoneda
Rosy Williams
Pilu Péris
Pau Millet
Jaume Serrallonga
Francesc Pla
Enric Miralles Team Foundation



Maquete do Centro Káilda Sant Pau, elaborada pelo estúdio EMBT.

- M193 Maggie's Centres : III Workshop de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN / organizadores Clarissa de Oliveira Pereira, Francisco Queruz – Santa Maria, RS : Universidade Franciscana, UFN, 2022.
88 p. : il. – (Collage de Culturas ; v. II)
- ISBN: 978-65-5852-178-5 (online)
1. Arquitetura I. Pereira, Clarissa de Oliveira II. Queruz, Francisco
- CDU 72



UNIVERSIDADE FRANCISCANA

Reitora:

Iraní Rupolo

Vice-reitora:

Solange Binotto Fagan

Pró-reitora Acadêmica:

Vanilde Bisognin

Pró-reitora de Administração e Finanças:

Inacir Pederiva

Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa:

Marcos Alexandre Alves

ORGANIZAÇÃO WORKSHOP FEM & UFN

Enric Miralles Team Foundation

Pau Millet

Roberta Rech

Curso de Arquitetura e Urbanismo UFN

PROFESSORES ACOMPANHANTES UFN

André de Siqueira Denardin

Anelis Rolão Flôres

Clarissa de Oliveira Pereira

ORGANIZADORES

Clarissa de Oliveira Pereira

Francisco Queruz

AUTORES

André de Siqueira Denardin

Anelis Rolão Flôres

Clarissa de Oliveira Pereira

Cristian Vinicius Machado Fagundes

Fabiola Pardini

Francisco Queruz

Luciane Smeha

AUTORAS (ALUNAS ARQUITETURA E URBANISMO UFN)

Allana Dorneles

Ana Maria Rigão Amoretti

Ana Paula Weber

Andressa Heck

Camila Saccol Fros

Cristiane Leticia Oppermann Thies

Dayelle Bevilacqua

Eduarda Balke

Gabriela Rosa

Giovanna Beckmann

Jessica Bortoluzzi Serafini

Júlia Maffini

Letícia Martins

Letícia Righi

Manuela Brites

Marcela Chiappa

Natália Teixeira

Rafaella Righi

Taline Alves Maass

Veridiana Pezzi

sumário

06

APRESENTAÇÃO

Francisco Queruz

13

A COLLAGE DOS FRAGMENTOS
"NA BOLSA" DO EMBT

Anelis Rolão Flôres

35

O LUGAR (II): ENTRE O
PASSADO E O PRESENTE

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

44

PASSEJOS PER LA CIUTAT I

Eduarda Balke

08

APRESENTAÇÃO WORKSHOP

Anna Vilà

26

O PRIMEIRO DIA 30/01/17 –
BOAS VINDAS, VISITA À
FUNDAÇÃO E AO EMBT

André de Siqueira Denardin

36

MAGGIE'S CENTRE:
RESPOSTAS PARA OS
DISTINTOS CONTEXTOS

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

48

PASSEJOS PER LA CIUTAT II

André de Siqueira Denardin

11

PROPOSTA PARA O ANEXO DO
CENTRO KÁLIDA SANT PAU

Nil Corominas

30

O LUGAR I: HOSPITAL
DE STA CREU I ST PAU

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

39

KALIDA CENTER:
DA COLLAGE À ARQUITETURA

Fabiola Pardini

Luciane Smeha

Clarissa de O. Pereira

51

DEL COLLAGE CAP A
PARAMETRITZACIÓ

Cristian Vinicius Machado Fagundes

54

DEL COLLAGE CAP A LA
ARQUITECTURA (RESPOSTAS)

64

GRUPO 3: LES FLORS

Allana Dorneles
Júlia Maffini
Natália Teixeira

79

GRUPO 6: CURVES I COLORS

Jéssica Serafini
Luiza Cantarelli
Rafaella Righi

86

REFERÊNCIAS

56

GRUPO 1: CALIDOSCOPI

Ana Amoretti
Dayelle Bevilacqua
Letícia Martins

68

GRUPO 4: LA NATURA

Ana Paula Weber
Cristiane Leticia Oppermann Thies
Taline Alves Maass

83

GRUPO 7: XARXAS

Gabriela Rosa
Giovanna Beckmann
Marcela Chiappa

60

GRUPO 2: LES FULLES

Andressa Heck
Camila Saccol Fros
Veridiana Pezzi

75

GRUPO 5: EL CARGOLET

Eduarda Balke
Letícia Righi
Manuela Brites

84

APRESENTAÇÃO FINAL

Imagem 1 – Collage sobre Hospital St. Pau i Sta. Creu – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitetura UFN, janeiro de 2017.
Fonte: Collage elaborada pelas alunas do WS (Acervo dos autores).



APRESENTAÇÃO

Francisco Queruz

Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo

O convite para a apresentação deste livro, referente ao terceiro *workshop* realizado entre o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana e a Fundação Enric Miralles, chega até mim talvez como um momento de ressignificação das atividades educacionais que temos desenvolvido nesses últimos tempos. Inicialmente, é necessário contextualizar que essa atividade ocorreu no período de 30 de janeiro a 10 de fevereiro de 2017. Portanto, há pouco mais de cinco anos. É possível, assim, estabelecer um distanciamento que permite perceber o evento e, principalmente, suas consequências com maior clareza.



Os alunos de graduação que foram a Barcelona, naquele momento, já estão todos formados. Complementarmente, boa parte dos professores que participaram seguem no corpo docente da UFN ainda hoje. Dessa maneira, pode-se perceber com certa nitidez que os métodos discutidos e aplicados pelo EMBT deixaram sementes férteis nesses arquitetos. Se, por um lado, os professores passaram a discutir os processos com mais clareza, os, hoje, arquitetos também têm aplicado métodos que remetem a imersão vivida lá em 2017.

Por outro lado, agora, após dois anos, parece estarmos em um período de arrefecimento da crise produzida pela disseminação do vírus da COVID-19. Esse momento nos permite perceber como o processo de produção desenvolvido naquele tempo foi positivo, pois foi conduzido de forma coletiva. Por mais que diversos processos de aprendizagem possam ocorrer remotamente de forma satisfatória, a apreensão e a vivência em arquitetura, sentidos e sentimentos, ocorrem *in loco* e crescem no grupo. Hoje, temos consciência do quanto é positivo perceber tal prática e saber que ela pode ser, novamente, retomada nesses moldes.

Por fim, minha felicidade de poder participar dessa apresentação, mesmo não tendo estado naqueles dias de 2017 junto ao grupo que experienciou o 3º Workshop. A altíssima qualidade de ensino e produção arquitetônica dos grupos da Fundação Enric Miralles e EMBT são sempre horizontes para o que o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFN busca. O que se lê à frente são registros de uma vivência passada há pouco tempo, mas que marcarão para sempre a história da nossa Instituição de Ensino e, também, certamente, dos que dela participaram.

APRESENTAÇÃO WORKSHOP

Anna Vilà

Siempre es positivo compartir experiencias con estudiantes de fuera, pero, particularmente Brasil es un país que consigue traer alumnos con una mentalidad muy abierta y dispuestos a empaparse de todo lo que se les enseña. Tal vez sea por su cultura, o por la gran variedad de arquitectura que tiene Brasil, pero sin duda, es una virtud que nos enriquece mucho a nosotros también.



En el 2017 recibimos en la Fundació Enric Miralles un grupo de alumnas que consiguieron transformar su manera de plantear un proyecto, su manera de dibujar, su manera de graficar..., en fin, su manera de hacer arquitectura. Consiguiendo, gracias a la metodología y forma de trabajar del estudio Miralles Tagliabue EMBT, romper con las reglas fijadas en su interior para empezar a crear sus propias reglas. Sus maquetas y collages hechos a mano lo demuestran...

Y, además, estoy segura de que todo esto se lo llevaron a casa, y que les sirvió para enfocar su futuro de una manera *más* sensible y personal.



Imagem 2 – Apresentação do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitetura UFN, janeiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

Imagem 3 – Foto sobre Collages sobre o Káilda Center Sant Pau do Acervo EMBT. Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.





PROPOSTA PARA O ANEXO DO CENTRO KÁLIDA SANT PAU

Nil Corominas

En 2017 realicé mi primer workshop como profesor. Fue una gran experiencia para mí, ya que puse en práctica mis dotes educativas y tuve la oportunidad de conocer a los futuros arquitectos provenientes de la Universidad Franciscana de Santa María de Rio Grande do Sur.

Mi labor fue la de servirles de ayuda y estímulo en el desarrollo de los diseños que plantearon durante esas semanas. El grupo en cuestión era pequeño, familiar, curioso y con muchas ganas de aprender sobre Barcelona y su arquitectura.

El ejercicio, duró dos semanas. El enunciado consistía en trabajar sobre el centro Kálida, un edificio que se encuentra entre el hospital modernista de Sant Pau y el nuevo hospital de Barcelona. Diseñado por EMBT, en fase de construcción en aquella época. La tarea consistía en completar uno o varios edificios anexos al Kalida creando nuevos elementos de comunicación con el hospital.

Los alumnos estudiaron la zona y el contexto, tanto de la ciudad de Barcelona como del complejo hospitalario, familiarizándose con la metodología de trabajo de EMBT a través de utilidades empleadas en el estudio como: el collage, el dibujo o la superposición de elementos.





Imagem 4 – Foto sobre Collages sobre o Kálda Center Sant Pau do Acervo EMBT, durante entrevista cedida por Valentina Norris, em janeiro de 2019. Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

El resultado final fueron varias propuestas y variaciones de volúmenes, tanto en 3d como en 2d con formas sinuosas y orgánicas creadas para liberar la creatividad del alumno y generar una serie de propuestas únicas y de un alto nivel creativo.

Considero que fue un gran ejercicio, ya que, se familiarizaron con la metodología de diseño de EMBT y a la vez desarrollaron sus aptitudes y su curiosidad a través de un enunciado libre, lo que les permitió alejarse de sistemas preconcebidos, desarrollando así un proyecto que liberó por completo su imaginación, obteniendo propuestas de gran calidad.

A COLLAGE DOS FRAGMENTOS “NA BOLSA” DO EMBT

Anelis Rolão Flôres

Em janeiro de 2017, realizei uma imersão nos arquivos da Fundação Enric Miralles com o objetivo de estudar a collage nos seus projetos, analisar a técnica como ferramenta nas diversas etapas, desde o levantamento do local, passando pelo partido geral do projeto arquitetônico e culminando na obra construída, na sua arquitetura. Na ocasião, esses estudos fizeram parte da investigação para a tese intitulada “A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage”¹, defendida em 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nela, os fragmentos bibliográficos, as imagens, os desenhos se encontraram e, por meio da analogia da cola que gruda as partes, que realiza o “encontro”, conforme Fuão (1992), finalmente consegui compor minha própria collage da arquitetura de Miralles e do escritório EMBT (Enric Miralles e Benedetta Tagliabue). Neste capítulo, apresento uma collage das pistas que encontrei ao analisar o uso dessa técnica na arquitetura.

¹ Primeiramente, ressalto que minha tese só foi possível a partir do *workshop* realizado na Fundação Enric Miralles, do qual participei como professora visitante nos anos de 2014 e 2017, por convênio firmado entre a Fundação, Universidade Franciscana (na época UNIFRA) e DasGroup. FLÔRES, Anelis Rolão. **A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, PROPAR, Porto Alegre, 2019.

Imagem 5 – Collage sobre Enric Miralles confeccionada com o material do acervo Fundació Enric Miralles.
Fonte: elaborado por Anelis Rolão Flóres (2017).



A interpretação da collage² de Enric Miralles aponta diversos caminhos a serem percorridos, caminhos balizados pela sua formação e por quem ele representou, por relatos de quem o conheceu, por referências em livros e revistas, nas visitas que realizei ao seu escritório, quando ele já não se encontrava lá, embora sua presença fosse notada nos objetos, no seu legado. Ela vai além da expressão gráfica e alcança a arquitetura construída, para depois retornar em outros projetos e outros edifícios. Como ponto de partida, podemos utilizar o texto *El interior de un bolsillo* (MIRALLES, 1994, p. 199), em que o procedimento da collage na arquitetura é descrito como peças que caem do seu bolso.

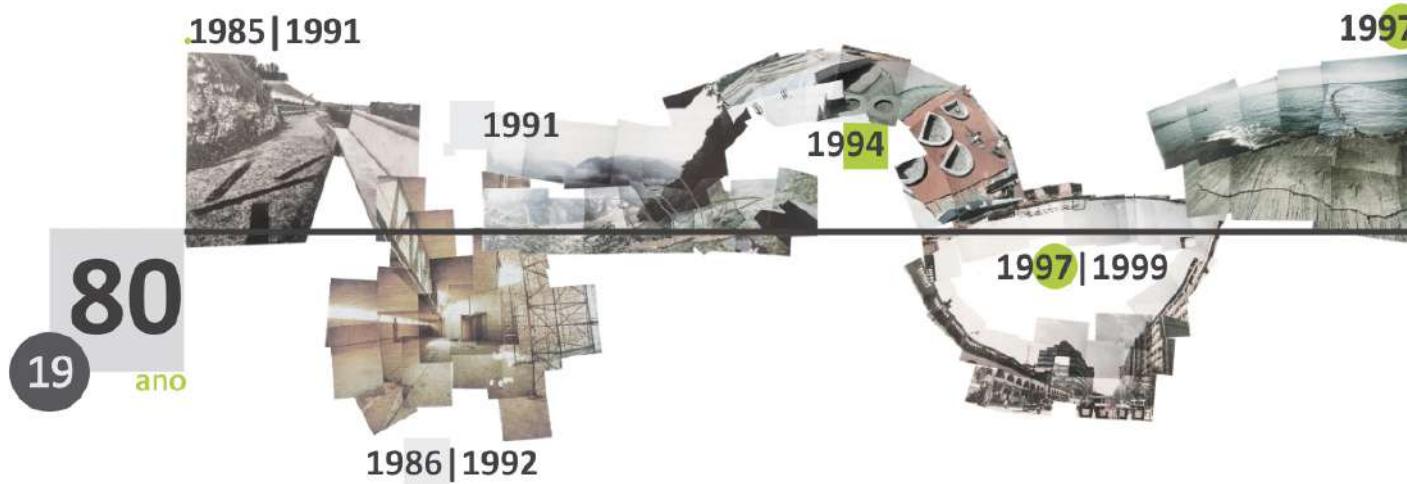
Quando entramos em contato com o seu universo, deparamo-nos com a complexidade da sua trajetória, da vida de um gênio, que tinha não apenas o conhecimento, mas também muita curiosidade pelo cotidiano, por tudo que o rodeava e pelos detalhes. Sua arquitetura é autoral, no sentido de inventor, daquele que manipula as experiências e as referências que ele guarda em seu bolso para utilizar nas suas invenções arquitetônicas. Como ele escreveu: "Montagem e presença simultânea. Refazer todo o projeto sempre. A ferramenta seria o olhar distraído..." (MIRALLES, 1994, p. 199).

² Optei por não grafar em itálico a palavra estrangeira "collage", assim como nos textos do meu orientador Arq^o Dr^o Fernando Fuão, com o objetivo comum de não produzir ruído na leitura. E, também, por não possuir tradução correta correspondente na língua portuguesa. "A palavra collage é um derivado do verbo francês *coller*, que significa colar. E *coller* significa literalmente cola. Porém é no seu termo de collage como ato de colar que a palavra adquire conotações que transbordam do seu significado original. Provavelmente, collage tenha origem na palavra latina *colegare*, que nos aproxima de certa forma da palavra símbolo". FUÃO, Fernando. **Arquitectura como Collage**. 1992. Tese (Doutorado) – Universitat Politècnica de Catalunya. Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona: Departament de Projectes Arquitectònics, UPC, Barcelona, 1992. p. 8. Tradução nossa.

Miralles tinha um repertório original e multifacetado, um processo criativo influenciado, ainda, pela literatura e pelas artes visuais e uma “*mirada*” distraída que nos leva a observar seu trabalho como um experimento estético, cultural e social. A imaginação do arquiteto catalão era uma mescla, uma visão dupla: “[...] ela via uma coisa diferente e outra e as misturava, de certa forma, poderíamos dizer, naturais e peculiares a ela mesma”³. Com uma visão distraída como a memória de um peixe, que dura três segundos, um processo imaginativo que não tem origem na arquitetura e nutre-se da literatura e das artes, Enric desenvolvia seu raciocínio como a “escrita automática”, com velocidade, desvendando o verdadeiro mecanismo de sua mente. Quanto menor a escala do desenho, mais rápido se poderia ir, pois, na escala 1/5000, corremos mais que na escala 1/50 (GRANELL, 2011).

Observando os projetos construídos, não conseguimos desvincular suas formas finais do intenso processo estético, logicamente apoiado nas alusões das artes visuais, conscientes e ou até inconscientes.

³ GRANELL, Enrique. Una maleta llena de arquitectura. In: ROVIRA, Josep M. **Enric Miralles**, 1972-2000. Colección arquia/temas, no 33. Barcelona: Editora Fundacion Caja de Arquitectos. 2011. p. 43. Tradução nossa.



Esse aspecto pode ser verificado, na fase inicial, no percurso das placas sobrepostas das coberturas dos caminhos da Plaza Mayor de Parets del Vallés (1985); no desencontro proposital das placas perfuradas com desenhos geometrizados para entrada de luz, do Tiro con Arco (1989-1992); nas contorcidas estruturas que se assemelham com árvores da Avenida Icária (1990-1992); nas tramas de madeiras que correm como cardumes das Casas Alemãs (1995); nos caminhos advindos dos estudos dos ventos dos Laboratórios da Universidade de Dresden (1995- concurso) e, finalmente, na complexa paisagem local recriada com flores e barcos para a elaboração do Parlamento Escocês (1998-2004).

As referências que Miralles carrega em seu bolso transitam de um projeto para outro. Podemos imaginar uma grande rede em que o tempo não importa e sim a conectividade, em que símbolos surgem transformados nas plantas baixas, nas perspectivas e nos edifícios. “Longe do esforço de refazer o projeto a cada vez, você acaba conhecendo esse espaço, assim como reconhece os objetos que carrega no bolso” (MIRALLES, 1994, p. 199), ao reconhecer esses objetos que “caem do bolso”, mesmo que de maneira distraída, novas possibilidades são criadas e voltam a ser coladas em outros projetos.

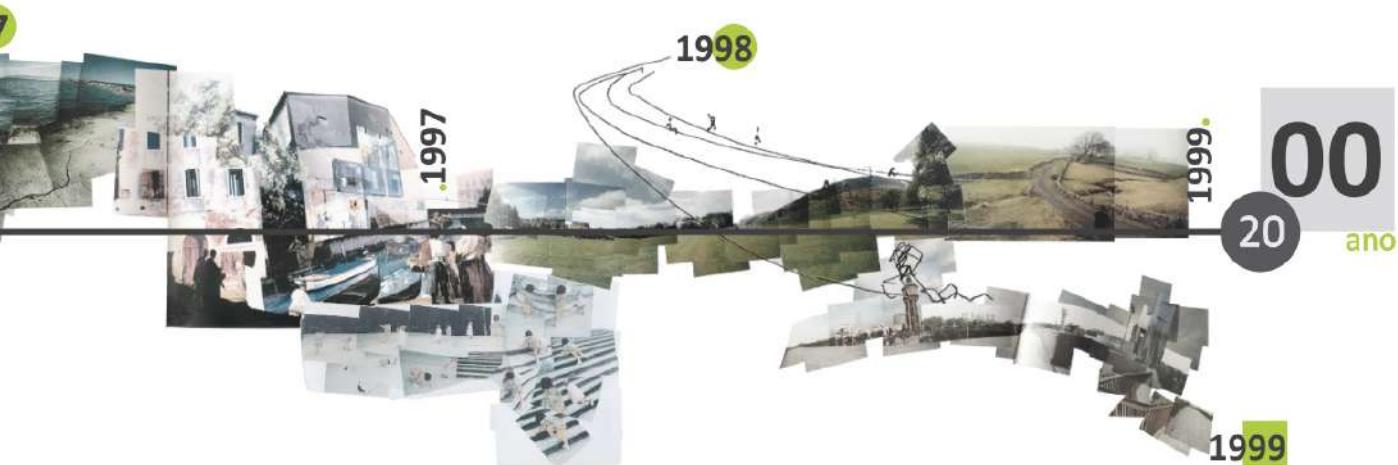


Imagem 6 – Collage sobre obras de Miralles Tagliabue. Fonte: elaborado por Anelis Rolão Flôres e Ana Paula Venturini (2017).

Nos seus desenhos e collages, percebe-se um estudo formal desordenado e rápido que nos faz estabelecer paralelos entre certos traços, planos, jardins e composições do arquiteto, assim como na sua residência, que carrega esta desordem como ordem. Seria uma arquitetura com influências cubistas, dadaístas e ou surrealistas? Ou um arquiteto com essas influências?

Vamos imaginar o interior de seu bolso repleto de referências e que lá dentro estava o Dadaísmo. Convém lembrar que a obra dadaísta utilizou-se do recolhimento dos objetos do cotidiano e da sua destruição para construir algo novo. A princípio, não havia a preocupação de criar novas técnicas gráficas e estéticas, mas o conteúdo das collages e fotomontagens fizeram com que essa expressão artística tivesse destaque. Os participantes do movimento foram os primeiros a usar a fotografia para criar significados antagônicos que partiram do caos da guerra. Seus métodos tinham uma força propagandística que os movimentos artísticos da época não tinham (ADES, 2002).

Também, lá no seu bolso, estava o Surrealismo, que era mais que uma escola, era mais que um modelo, ele não é classificável, embora muitos críticos assim o considerem. É essencialmente a explicação do ser humano, da vida, que leva às ações transformadoras. É o questionamento do humano e das suas extensões com o mundo. O surrealismo retoma as experiências perdidas na infância, aquela capacidade de espanto com algo novo, de (re)descoberta, retoma por meio do *déjà-vu*, do antigo, em que "o momento subjetivo se intromete na ação da montagem: esta desejará, talvez em vão, mas sem dúvida intencionalmente, reproduzir as percepções tal como elas devem ter sido algum dia"⁴.

⁴ ADORNO, Theodor W. Revendo o Surrealismo. In: **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 138.





Imagem 7 – Collage sobre o lugar do Estúdio EMBT e Fundació Enric Miralles. Fonte: elaborado por Anelís Rolão Flôres (2017).

Portanto, a collage era uma das representações plásticas utilizadas nos movimentos de vanguarda, do início do século passado, que mais se ajustava ao Surrealismo, pois era um modo de abstrair a realidade ao ponto de até apagá-la, em uma espécie de jogo que consistia em retirar a intenção criativa consciente e substituí-la pela construção do onírico. Como técnica, empregava os materiais descartados ou fora do seu contexto, articulando composições incombináveis desses objetos de maneira aleatória a fim de incitar novas experiências.

Muitos artistas plásticos que se destacaram por suas múltiplas e diversas expressões, possivelmente influenciaram Miralles. Observa-se um grupo heterogêneo que investigava, por meio de várias técnicas e qualquer meio, o sentido de libertação e a aventura, em pinturas, produção de objetos, collage, procedimentos fotográficos, cinematográficos etc. A técnica, na maioria das vezes, não importava, mas sim o conteúdo poético, narrando o incrível, o fantástico, de maneira objetiva e aparentemente normal, assim como o extremismo e o revolucionário, evidentes em uma postura contra a repressão dos instintos, colocando a imaginação no poder (ARGAN, 1992).

Além dos movimentos do início do século passado, as fotomontagens de David Hockney e de Gordon Matta-Clark causaram grande impacto na construção da arquitetura do arquiteto, por meio da organização do espaço, das visões múltiplas e da concepção de episódios de pensamento criativo integrados em uma imagem. No começo de 1990, Enric Miralles iniciou o processo das fotomontagens inspiradas em Hockney, porém elas sobrepõem diversas influências, desde os movimentos artísticos, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, até as famosas *polaroids* do artista inglês.

As fotomontagens de Hockney que exploram a representação de situações e espaços, em que a multiplicidade de aspectos e sensações é expressa a partir de uma sucessão de montagens de fotografias a modo de exibição sequencial e sobreposições. A fotografia é, portanto, uma visão limitada da realidade, porém a collage ou a manipulação adequada de fotomontagens podem ajudar a ampliar esta visão, fazendo-a mais completa. Não de um modo realista, mas integrando aspectos característicos e relevantes, ainda que às vezes subjetivos, mas sensíveis, talvez emotivos, que se quer representar⁵.

⁵ SANZ, Salvador Gilibert. **Enric Miralles**, el dibujo de la imaginación. 2015. Tese (Doutorado) – Universitat Politècnica de València. EGA: Expressión Gráfica Arquitectónica, València, 2015. cap. 7, p. 7. Tradução nossa.

Para Miralles, a elaboração da fotomontagem despreza a forma acabada de apenas um ponto de vista e adota a multiplicidade do momento considerando diversos pontos de vista em um único plano visual, de modo a exigir que o olhar percorra a cena.

Conforme Sanz, ao descrever as collages do arquiteto, o uso da imagem como descrição de um espaço real estimulada pelo trabalho de Hockney, com a descoberta de Matta Clark, passa a propor algo novo, uma reinvenção da realidade:

Nesta imagem está descrevendo a realidade e nesta outra não está explicando a realidade, está inventando uma realidade por meio de uma decomposição, de uma reconstrução de um espaço, de uma arquitetura. Reconstroí e gera uma realidade nova, isso não é um espaço real, estão de acordo? Não é um espaço real, a casa não é assim, não pode haver uma escada no teto, ela cairia, está inventando uma realidade nova, um espaço a partir da desconstrução, então Enric havia descoberto David Hockney, investiga e encontra Gordon Matta Clark, e dá um passo diferente de David Hockney, já não está descrevendo a realidade, esse passo que está fazendo agora nessa outras collages, é o seguinte passo de propor algo novo, Gordon Matta Clark desconstrói essa realidade e reconstrói uma nova, Enric descobre isso e ficaram estas collages, é quase o mesmo, estes de Enric, estes de Gordon Matta Clark⁶.

No seu bolso, conjuntamente, estão vários mestres, arquitetos que guiaram seu pensamento e sua prática quando aproximamos a collage da arquitetura. Dentre eles, destacam-se: Jujol, Gaudí, Le Corbusier, Aldo Rossi, Alisson e Peterson Smithson. A cidade de Barcelona também surge com uma influência, como memória afetiva e metafórica, que extrapola a representação gráfica. Ele extrapola essas referências e sintetiza em um trabalho de força conceitual, mas sobretudo de força construtiva que visa à materialização da arquitetura.

⁶ SANZ, Salvatore Gilibert. Palestra: A collage na obra de Enric Miralles, concedida a pedido da autora. Barcelona, 2017. Tradução nossa.

No início da parceria com a arquiteta Benedetta, na formação do escritório EMBT, podemos perceber a utilização da collage com maior intensidade, assim como o uso da cor e a influência crescente de Hockney. A técnica começa a ganhar espaço quando comparada ao desenho, atrelado ao início da obra do arquiteto, e as collages panorâmicas, na maioria das vezes, sem muitas intervenções. O arquiteto das linhas começa a “grudar” seus fragmentos, a unir suas referências com as da arquiteta. No ano de 1997, diversas publicações já apresentam o uso intensivo da collage nas diversas composições e etapas, destacam-se a Biblioteca Pública de Palafolls, a Escola de Dança de Laban, o Embarcadouro de Tesalônica, o Parque Diagonal Mar e o Mercado de Santa Catarina. As panorâmicas apresentam-se em maior quantidade, e outros tipos de associação vão surgindo na apresentação do processo realizado pelo escritório.

Agora, não vamos mais usar a palavra bolso, substantivo masculino, e utilizar bolsa, substantivo feminino, como forma da parceria entre eles. Dentro da bolsa do escritório EMBT existem vários fragmentos, várias collages. Ao analisarmos as suas collages, identificamos estes vários fragmentos que surgem manipulados, conforme a metodologia organizada na tese: panorâmica temporal, panorâmica de transfiguração, símbolos e criação. A panorâmica temporal segue a lógica proposta por Hockney e estão em maior número. Elas representam a junção simultânea de imagens diferentes que o olhar acompanha enquanto se move ao longo dos perfis e seções, seja linear, radial, vertical ou horizontal. A panorâmica de transfiguração, remete à obra de Salvador Dalí e deforma as imagens com objetivo de criar novos significados e encontrar diferentes formas. A collage de símbolos explicita a união de fragmentos com o objetivo de reforçar a simbologia, ali estão os símbolos e alegorias como estratégia projetual. A collage de criação, embora pareça um pleonasma, consiste na elaboração de ideias a partir da intensa combinação de desenhos, imagens e material digital.

Esses tipos de collages e fotomontagens remetem à composição, porém as etapas de projeto em que elas foram utilizadas também representam a versatilidade da técnica quando associada à arquitetura. As cinco etapas detectadas foram as seguintes: levantamento, projeto, construção, apresentação final do projeto e obra construída.



Imagem 8 – Collage sobre o projeto do Mercat de Santa Caterina, elaborado com o material do acervo Fundació Enric Miralles.
Fonte: elaborado por Anelis Rolão Flores (2017).





Imagem 9 – Collage sobre o projeto Parque Diagonal Mar, elaborado com o material do acervo Fundació Enric Miralles.
Fonte: elaborado por Anelis Rolão Flôres (2017).

Na tese, foram analisados cinco projetos, o Pavilhão de Meditação Unazuki, Japão (1991); Casinha de Madeira, Copenhague (1996); Vila Pinheiros, Rio de Janeiro (1996); Parque Diagonal Mar (1996-2002) e Mercado de Santa Catarina (1997-2005), ambos em Barcelona. Essas obras permitiram a observação do gradual uso da técnica e dos diferentes tipos de associação não apenas com as realidades, os locais e o programa de necessidade, mas também com suas correspondências em outros projetos e temas, aparentemente isolados.

Temas, como a figura da mãe com o filho no colo, a maternidade, o filho convidando o pai para brincar (na gravura de Le Corbusier), a paternidade e a árvore da vida, são encontrados em Unazuki, na Casinha de Madeira e no Parque Diagonal. A viagem exponencial circula entre a Faculdade de Arquitetura de Veneza e a Vila Pinheiros. As camadas de história do Mercado de Santa Catarina que trazem o céu e novamente a terra de Unazuki. Uma trama complexa de pensamentos que formam este universo que de nada parece estático, um universo em expansão.

Aqui, iniciamos com os fragmentos do bolso de Miralles, mas concluímos que este bolso não era apenas do arquiteto, era também de Benedetta, sua parceira de vida e de escritório. Portanto, Miralles e Tagliabue apresentam a collage como ferramenta para a construção da sua arquitetura, em que se destaca a ideia de acumulação e repetição, que leva ao conceito do colecionador. Para Benjamin (1987), a existência do colecionador é a tensão entre a ordem e a desordem e a procura por algo novo, pois sua coleção nunca estará completa, assim como as collages, que podem ser refeitas e passarem de um projeto para outro, acumulando, repetindo, passarem do papel para o edifício contruído, em um fluxo contínuo atemporal.

Afinal, em *El interior de un bolsillo* (MIRALLES, 1994), depois no interior da bolsa, o colecionador estava presente atrás de mais um fragmento para armazenar em sua coleção, e a comparação com a collage está completa. Os objetos estão sempre na bolsa, e um novo item sempre será acolhido para depois sair para o exterior. Nesse universo, nada é desprezado, os fragmentos constituem uma trama, uma rede, e adquirem sempre novos significados.

O PRIMEIRO DIA 30/01/17 – BOAS VINDAS, VISITA À FUNDAÇÃO E AO EMBT

André de Siqueira Denardin

Foi muito emblemático para nós ao passarmos pela Pasage de la Paz e avistarmos o prédio que abriga a fundação e o EMBT, onde o antigo e o futuro estavam em sintonia, com muita arquitetura e urbanismo envolvidos. Ao entrarmos no *foyer* do prédio, deparam-nos com duas obras do escritório, a luminária *Dome*, com seu jogo de luzes e sombras, montadas com suas 170 peças de encaixar, e o banco *Lungomare*, que, inicialmente, não sabíamos se era uma escultura para ser só observada ou também usada. No decorrer dos dias, entendemos que tudo ali era para ser sentido, experimentado e, ao nos acomodarmos no *Lungomare*, vimos o átrio do prédio e a *Dome* e, nesse momento, entendemos a atmosfera do lugar.

Foi impactante a imersão desde o primeiro dia de curso, fomos recepcionados pela Ana Villá e por Nil Corominas, que nos apresentaram o ateliê onde passaríamos muito tempo durante as próximas duas semanas, aprendendo muito com diversos arquitetos do escritório EMBT. O ateliê, cheio de caixas de maquetes de projetos realizados pelo escritório, fiz-nos entender o volume de trabalhos ali realizados.

Após essa primeira recepção, fomos convidados a visitar a Fundació Enric Miralles, onde estavam expostas algumas maquetes de projetos desenvolvidos pelo escritório. Observamos os trabalhos expostos e, posteriormente, fomos direcionados ao Miralles Tagliabue EMBT, onde conhecemos o escritório e observamos o trabalho dos arquitetos em diversos setores. O próprio projeto do escritório já era uma imersão a arquitetura, as intervenções na pré-existência, mobiliários desenvolvidos pelo escritório, interação com as equipes. Desde essa primeira impressão, já sabíamos que seriam duas semanas de muito crescimento profissional e pessoal.

Imagem 10 – Collage sobre o lugar (portal), a Fundació Enric Miralles. Fonte: elaborado por Anelis Rolão Flôres (2017).

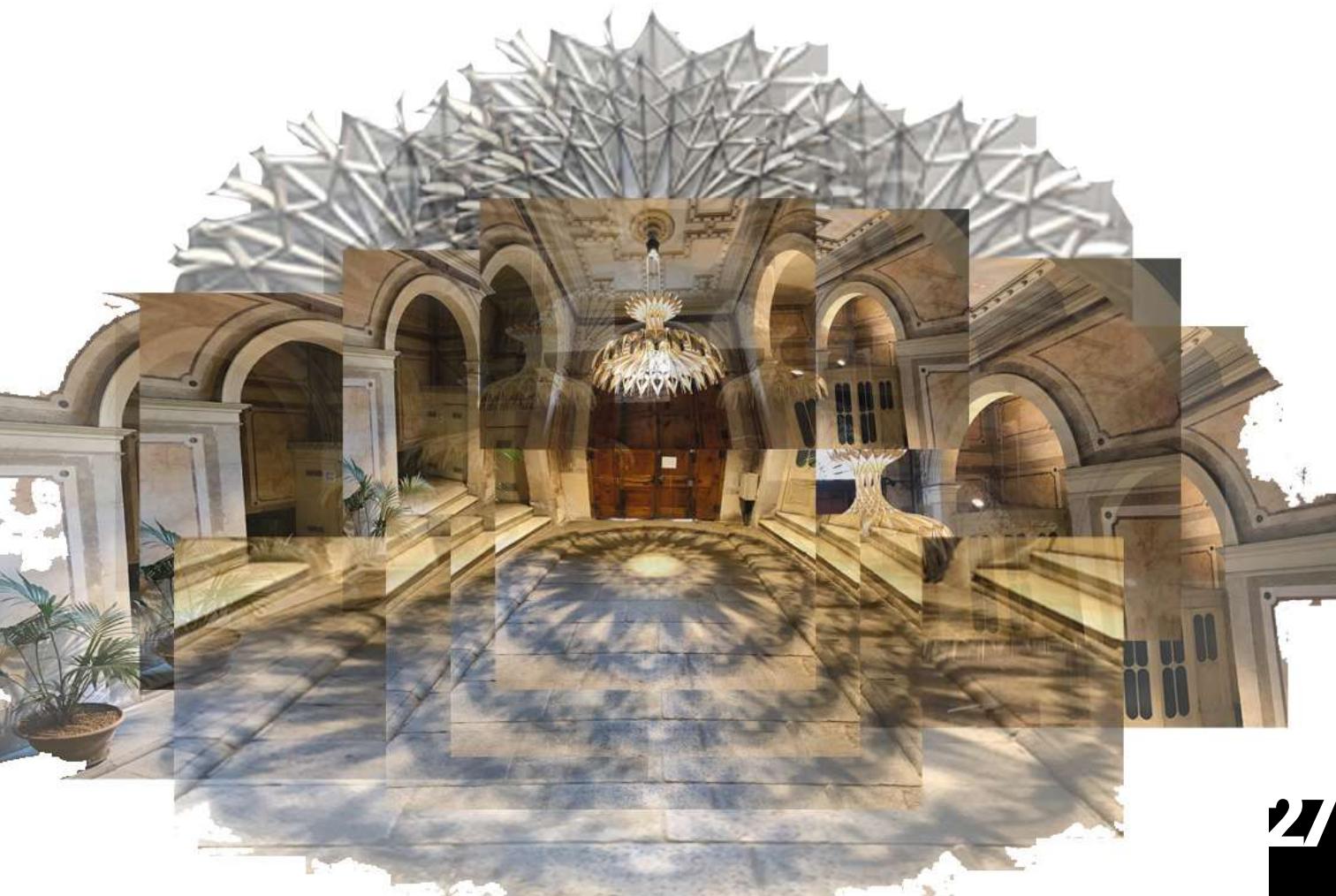




Imagem 11 – Maquete do projeto para Kálida Center, do Acervo EMBT (primeiro dia de aula), janeiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.



O LUGAR I: HOSPITAL DE STA CREU I ST PAU

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

O cenário escolhido para o desenvolvimento do exercício do *workshop* foi o entorno do Hospital de St. Pau i Sta Creu, no Eixample de Barcelona.

A história do Hospital de la Santa Creu de Barcelona data de princípios do século XV, e tem como início o hospital medieval, originário de locais de acolhimento de peregrinos e enfermos anexos às abadias cristãs (1992, p. 33)⁷. Segundo Carvalho (2008, s./p.)⁸, o papel da caridade, portanto, é o indutor de transformação inicial do hospital para fins de tratamento de doentes e marginalizados. É importante salientar que “ser hospitaleiro” era característica dos povos da Idade Média Ocidental e do Mundo Árabe. O edifício Gótico, situado no bairro do Raval, alojou essa função até o seu traslado para bem além da “Ciutat Vella”⁹, com a inauguração de seu recinto modernista, em 1930.

A implantação do novo complexo respondia aos preceitos higienistas da época, que, além de orientar a escala arquitetônica, também estava de acordo com as propostas de expansão da cidade.

⁷ MIQUELIN, L. C. **Anatomia dos edifícios hospitalares**. São Paulo: CEDAS, 1992.

⁸ CARVALHO, Antonio Pedro Alves de. Espaço da doença e exclusão: uma enfermaria do antigo Hospital da Santa Cruz de Barcelona. **Visões Urbanas** – Cadernos PPG-AU/FAUUFBA, v. 5, número especial, 2008. Disponível em: http://www.atlas.ufba.br/visoes_urbanas_2008/Cadernos_atlas_antoniopedro.pdf.

⁹ Centro Antigo de Barcelona.



Imagem 12 –Collage realizada pelas alunas do Grupo 7 – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.



O projeto para o novo Hospital de la Santa Creu¹⁰, de autoria do arquiteto modernista catalão Lluís Domènech i Montaner, refletia os anseios da cidade condal, que passava por transformações não apenas urbanísticas, mas também econômicas e sociais.

O complexo hospitalar reúne nove "*illes*"¹¹, do Eixample de Idelfons Cerdà, entre os bairros de Gràcia e Guinardó, com modelo pavilhonar, era o tipo de implantação que bem respondia às exigências sanitárias vigentes, pois organizava as especialidades em módulos isolados. Além disso, essa tipologia garantia a ventilação e iluminação natural em todas as unidades, sustentadas pelo pensamento científico de que o sol e a renovação de ar contribuíssem para o processo curativo.

Essas questões eram tão fundamentais que a implantação dos pavilhões contradizia, em parte, a ocupação padrão das "*illes*", que buscava beneficiar as edificações com a melhor orientação solar: o eixo norte-sul organiza o acesso por meio da esquina e segue como a continuidade da avenida Gaudi. Esse eixo forma duas alas que acomodavam os pavilhões entre os jardins: a oeste, era a ala feminina e a leste, a masculina¹².

Um eixo perpendicular separa a internação dos pacientes em duas, de acordo com a classificação de contágio das patologias, infecciosas e não-infecciosas. Como resposta às exigências funcionais, a conexão entre os pavilhões acontecia no subsolo, por meio de galerias.

¹⁰ FUNDACIÓ PRIVADA HOSPITAL DE LA SANTA CREU I SANT PAU. **Sant Pau**. patrimônio modernista. Barcelona. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, S.L.U., 2016.

¹¹ Manzanars de Idelfons Cerda

¹² Idem item 7.



As qualidades restauradoras e a clara organização do programa não eram as únicas preocupações de Domènech i Montaner, uma vez que a proposta mostrava a sua destreza para bem compor as distintas escalas. As texturas, os ornamentos e as cores seguem a mesma lógica compositiva, trazendo unidade para todas as edificações.

A busca pela beleza a partir da natureza é evidente nos adornos, por meio das visuais direcionadas aos jardins e pelo desenho das fachadas. Estas seguiam uma composição de aberturas, cuja a prioridade era equilibrar os matizes de luz natural. Muitas dessas aberturas situavam-se próximas ao teto para proporcionar a ventilação higiênica sem comprometer o conforto do paciente. As janelas mais baixas asseguravam as vistas para os jardins.

No interior dos pavilhões e demais edifícios, a mirada é direcionada para cima, uma vez que os desenhos dos tetos do recinto surpreendem tanto quanto outros exemplares do mesmo arquiteto (olhar para cima nos desconecta do horizonte e, em muitos momentos, é o olhar do paciente).

Um dos espaços mais atrativos seriam as Salas de dia (*solarium*¹³): como ambiente, encerram as esquinas dos pavilhões e conformam um espaço intermediário, fazendo a transição entre o ambiente interno e o externo. Era o lugar de contemplação e socialização para os pacientes impossibilitados de transitar nos jardins.

Em 1978, o Hospital Santa Creu i Sant Pau¹⁴ passa a ser monumento histórico e artístico e, em 1997, patrimônio mundial pela UNESCO.

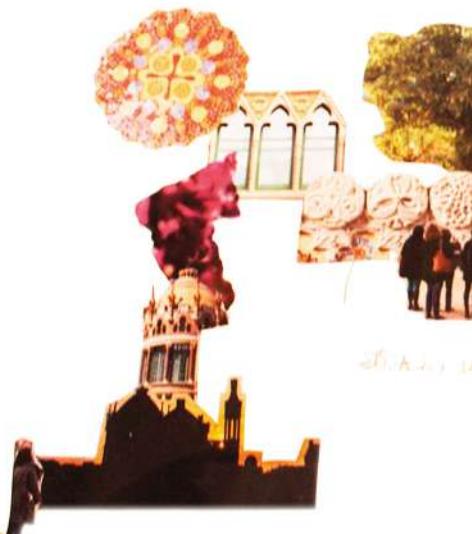
O projeto original de Domènech i Montaner contemplava 48 edificações, mas apenas 27 foram construídas. As atividades do recinto modernista ocuparam a parte sul do solar, e essa configuração permaneceu até o traslado para a nova edificação¹⁵.

¹³ *Solarium* – aqui no Brasil, o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, utiliza essas áreas de convivência nos hospitais da Rede Sarah.

¹⁴ O fator inicial para a construção do novo hospital, foi a doação, via herança, do banqueiro catalão Pau Gil i Serra (1.818-1.896) que, como último desejo, gostaria que fosse construído um hospital civil com o nome de Sant Pau, em Barcelona.

¹⁵ Idem item 7.

Imagem 13 – Collage sobre os entornos do Hospital St. Pau i Sta. Creu realizado por alunas do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em janeiro de 2017. Fonte: acervo dos autores.





O LUGAR (II): ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

Em 1999, um grupo de arquitetos de Barcelona¹⁶ vence o concurso para a elaboração do projeto da nova sede do Hospital de la Santa Creu i Sant Pau, que tem como critério concentrar a sua implantação na ala norte do terreno, não ocupada conforme o projeto original.

Novamente, as exigências sanitárias conduzem à organização do programa que, ao contrário do recinto modernista, concentra o conjunto hospitalar em uma única edificação.

A implantação encerra os limites das "illes" de Cerdà na esquina da ala norte. A partir desse ponto, a edificação se abre em anelos, organizados em forma radial e voltados para o interior do lote. Embora a orientação solar não seja a prioridade como na proposta de Montaner, essa estratégia de implantação garante as condições necessárias de conforto lumínico e térmico para a boa qualidade dos espaços interiores.

Os espaços intermediários entre os dois conjuntos conformam uma área de limites não muito definidos. A costura entre a velha e a nova implantação é amenizada por meio do desenho de um grande jardim que atenua essa transição.

¹⁶ Sílvia Barbera Correia, Jose Luis Canosa, Francisco Rius, Esteban Bonell e Josep Maria Gil.

MAGGIE'S CENTRE: RESPOSTAS PARA OS DISTINTOS CONTEXTOS

Clarissa de O. Pereira

Fabiola Pardini

Para melhor compreender as diretrizes de projeto para o exercício sobre o Centro Kálda, convém investigar a formação dos Maggie's Centres e as distintas respostas arquitetônicas para os diferentes contextos. A ideia de um ambiente complementar para os centros oncológicos surge nos anos 90 a partir da vivência da escritora, artista e paisagista Margaret Keswick Jenks, que lutou contra a enfermidade ao longo de sete anos. Maggie, como era carinhosamente chamada por seus familiares e amigos, externou toda sua vivência em ambientes hospitalares e isso acarretou sobre seu sofrimento e sua leitura da finitude da vida por meio de seus escritos (JENKS; JENKS, 2007).

Durante todo o período que lutava contra o câncer, ela escreveu uma série de observações sobre a qualidade dos ambientes hospitalares, em que os considerou como espaços negligenciados e impensados¹⁷. Nos ambientes de assistência que percorreu, Maggie não encontrou o acolhimento necessário para o bem-estar dos pacientes. Entre seus inúmeros questionamentos, os apontamentos mais recorrentes relacionavam-se sobre a ambiência das salas de espera. A artista acreditava que esses locais teriam propósitos mais nobres

¹⁷ Archdaily – <https://www.archdaily.com.br/br/601650/a-historia-dos-centros-maggie-como-17-arquitetos-se-uniram-para-combater-o-cancer>.





Imagem 14 – Collage sobre os entornos do Hospital St. Pau i Sta. Creu realizado por alunas do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em janeiro de 2017. Fonte: acervo dos autores.

do que o simples ato de esperar e, por consequência, não entendia a falta de personalidade desses lugares de estância. Questionava, sobretudo, a falta de conforto ambiental (JENKS; JENKS, 2007).

Desde essa época, o seu companheiro Charles Jencks (também paisagista, historiador e teórico de arquitetura) dedicou-se a buscar respostas para a qualificar esses ambientes com o intuito de demonstrar que os bons prognósticos poderiam estar relacionados com a qualidade dessas arquiteturas. Desde o ponto de vista programático, esses espaços não apenas deveriam abrigar a complementação para o tratamento, mas também proporcionar o suporte emocional e social para os pacientes em terapia (JENKS; JENKS, 2007).

Do ponto de vista arquitetônico, os Maggie's não seguem diretrizes rígidas de projeto. Algumas práticas comuns entre os exemplares construídos buscam a definição de qualidade para esses espaços, como a ambiência doméstica, presente em todos os exemplares analisados. O memorial sobre o projeto do Maggie's Centre de Manchester, na Inglaterra, de autoria de Foster+Partners, mostra claramente essa intenção ao descrever o centro como uma "casa longe de casa"¹⁸.

Embora a implantação desses centros não tenha fronteiras, a maioria dos Maggie's está situada no Reino Unido e são vinculados aos hospitais da rede NHS (National Health Service – Serviço Nacional de Saúde).

¹⁸ Archdaily – <https://www.archdaily.com/786370/maggies-cancer-centre-manchester-foster-plus-partners>.



Imagem 15 – Collage para o Centro Kálida – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arq. Clarissa de O. Pereira, janeiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

KALIDA CENTER: DA COLLAGE À ARQUITETURA

Fabiola Pardini

Luciane Smeha

Clarissa de O. Pereira

O edifício para a Fundació Kálida (LYNCH, 2017)¹⁹ surge como um centro de apoio para complementar o tratamento oncológico e encontra o seu lugar de implantação no jardim de transição entre o antigo e o novo hospital. O projeto desenhado pelo estúdio Enric Miralles Benedetta Tagliabue – EMBT Arquitectos mostra, nos primeiros estudos de collage, a intenção de criar uma arquitetura que dialogue com as preexistências e reverencie a natureza, tal como a arquitetura de Domènech i Montaner.

Segundo Pereira e Viera (2017)²⁰, a collage, como uma das formas de arte gráfica do estúdio EMBT, faz a aproximação ao lugar e aos relatos históricos. Conforme a metodologia seguida pelo estúdio, ela deve ter a capacidade sintética de transmitir uma ideia sem o uso de palavras. Também observa que esse recurso é empregado nas distintas etapas de projeto, desde a concepção até a resolução de detalhamentos. Os primeiros estudos geralmente retratam o estado atual do lugar, e a sua história é contada por meio da arquitetura e a sua relação com o entorno, justificando, dessa forma, o seu vínculo com o lugar. A collage, é uma forma lúdica e artística de manipular a matéria: um produto gráfico que poderá evoluir em arquitetura. Esta sequência acontece por meio da sobreposição das imagens e informações (evoluir de um material bidimensional para um modelo que define forma e função) (PEREIRA; VIERA, 2017).

¹⁹ LYNCH, Patrick. Iniciada a construção do inovador Centro de tratamento ao Câncer em Barcelona. **Archdaily**, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/872603/iniciada-a-construcao-do-inovador-centro-de-tratamento-ao-cancer-em-barcelona>.

²⁰ PEREIRA, Clarissa de O.; VIEIRA, Liese. **Arquitetura efêmera no centro histórico de Barcelona**. I workshop de arquitetura FEM/EMBT e arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Franciscano. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2017, 72 p. Disponível em: https://issuu.com/editoraunifra/docs/arquitetura_ef_mera_no_centro_hist.





Imagem 16 – Collage para o Centro Káida – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, janeiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira

Os primeiros estudos de collage para o centro Kálda mostram a clara intenção de dialogar com o antigo hospital por intermédio dos fragmentos das suas arquiteturas: as materialidades são mescladas com imagens de plantas e flores naturais, mostrando a clara intenção de criar a edificação como um pavilhão (solto) que se acomoda nos jardins. As formas orgânicas, como resultado desse processo artístico, definem uma forma de projetar características desse estúdio de arquitetura.

O Kálda segue a filosofia de acolhimento do Maggie's Centre, sob a qual se dá o atendimento em rede por meio de apoio emocional, social e prático para pacientes em tratamento oncológico, bem como para seus amigos e familiares. Como característica principal tem a receptividade de uma casa, sempre aberta para receber e acolher nos momentos de dor e incertezas ocasionados pelo câncer. Esse espaço de transição é o contraponto dos locais de assistência hospitalar (tão rígidos e impessoais).

O método de projetar do Estúdio EMBT pode ser descrito como uma "arquitetura da emoção", pelo modo como se desnuda por meio de sua alma e sentimentos, concretizando, de forma natural, espontânea, e ao mesmo tempo delicada e forte (RUTA, 2017)²¹.

O edifício possui 400m² construídos, divididos em dois níveis, cercado por um conjunto de jardins privados com a intenção de proporcionar aos usuários ambientes de funções restauradoras. O desenho das aberturas proporciona um limite tênue entre interior e exterior, proporcionando, assim, conforto ao usuário com a incidência da luz natural e o uso de materiais que remetem à intimidade e calor de lar, bem como à privacidade, proporcionada pela área verde adjacente.

A distribuição espacial sensível foi pensada para proporcionar momentos de trocas de experiências entre os usuários e, da mesma forma, oportunizar períodos de introspecção em seus diversos "nichos", respeitando as individualidades. Como nos demais exemplares, a cozinha compartilhada também tem o propósito de buscar o ambiente da casa (fora de casa).

O térreo é um grande espaço aberto e flexível em que as fronteiras entre o interior e o exterior se fundem. Cada ambiente possui pátio ou jardim adjacente, pensados para proporcionar aos usuários a privacidade.

²¹ RUTA, Matteo Francesco. *Within a vital architecture*. In: **Miralles Tagliabue EMBT**. Italy: Moleskine SpA, 2017.



Outros elementos que filtram esses limites são as *celosias* feitas com o próprio ladrilho, as pérgolas e a vegetação, respeitando e tirando partido do clima mediterrâneo.

A altura dos ambientes varia de acordo com sua hierarquia funcional: áreas importantes de convívio têm pé-direito duplo. A circulação é permeável e sem limites visuais.

O piso superior organiza-se ao redor de vazios e concentra salas menores destinadas tanto a atividades mais privadas como a atendimentos individuais de apoio multidisciplinar, em salas administrativas e como áreas de intersecção, em espaços que servem à reflexão para que o usuário se sinta acolhido e possa externar sentimentos.

A implantação do pavilhão respeita o antigo traçado Modernista²² ao valorizar a fachada sul e considerar a incidência solar direta. As aberturas voltadas para essa face são protegidas com brises de madeira.

A fachada do edifício é uma composição variada de elementos cerâmicos com variações de cor, textura e tamanho. A volumetria proporciona diferentes formas de “mirada” desde o edifício. As referências com o projeto de Domenech i Montaner são bastante presentes quanto à materialidade.

Por não ser considerado um ambiente hospitalar assistencial, e sim com função de apoio, não teve as exigências para aprovação em órgãos competentes relacionados à saúde, o que proporcionou maior liberdade projetual, tanto nas definições técnicas como no uso de materiais de acabamento.

O projeto para Kálda Sant Pau salienta a importância de repensar os espaços assistenciais de saúde por meio de olhares mais atentos a pacientes, familiares, acompanhantes e profissionais de saúde. A ideia fundamental do projeto sugere que o edifício exerça uma função de intersecção visual entre os exemplares de princípios do século XX e princípios do século XXI. O projeto foi inspirado na riqueza de detalhes do Recinto Modernista, a partir da reinterpretação da linguagem original da arquitetura de Domènech i Montaner pelo olhar sensível dos arquitetos do estúdio EMBT, tornando-se, ao mesmo tempo, uma homenagem ao passado e abrindo as portas para pensar o futuro dos Estabelecimentos Assistenciais a Saúde.

²² Referente ao Modernismo Catalão.

PASSEJOS PER LA CIUTAT I

Eduarda Balke

Letícia Righi

Como parte do cronograma proposto para o *workshop*, realizou-se um reconhecimento da cidade de Barcelona, juntamente com uma visita guiada a algumas obras do escritório EMBT.

Saímos do escritório e caminhamos pela Ronda Litoral até a Torre Gás Natural, projeto realizado pelo EMBT e localizada no bairro de Barceloneta, próximo à orla. O edifício possui dois blocos com diferentes alturas. O bloco menor possui um grande balanço de 40 metros. Os blocos envidraçados e com diferentes texturas e planos refletem a imagem do entorno e são interligados por uma passarela.

Após a visita ao Gás Natural, seguimos em direção à praia de La Barceloneta, antigo local em que residiam marinheiros e pescadores e que se tornou um grande polo turístico para a cidade. A região abriga diferentes atrações para descanso e lazer da população e visitantes, como restaurantes, bares, áreas para a prática de esporte, entre outros.

Caminhando pela praia, não podíamos deixar de reparar na obra de Frank Gehry, El Peix, construída de aço inoxidável dourado e localizada na frente de um hotel, o qual faz parte da composição da identidade e característica do bairro.



Logo mais à frente, avistamos duas grandes torres de edifício envidraçado, a Torre Mapfre, projetada pelos arquitetos Iñigo Ortiz e Enrique de León, em que fica situada uma rede de escritórios e em seu topo um heliporto, e o Hotel Arts, projetado pelo arquiteto Bruce Graham. Ambos construídos para os Jogos Olímpicos de 1992.



Imagem 17 – Collage sobre passeios pela cidade, realizada por alunas do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura JFN, em janeiro de 2017. Fonte: acervo da Atq. Clarissa de O. Pereira.

Outros marcos importantes da região são a escultura L'Estel Ferit (A Estrela Ferida), desenhada pela arquiteta alemã Rebecca Horn. Essa obra, composta por quatro blocos dispostos um em cima do outro, faz referência ao velho bairro operário e pescador de Barceloneta. Há também o W Hotel, localizado na nova entrada do Porto de Barcelona e projetado pelo arquiteto Ricardo Bofill. O edifício envidraçado reflete o céu e o mar em sua fachada, e sua volumetria remete a uma vela sobre o mar.

Depois de percorrer a orla, fomos em direção ao Parc de La Barceloneta, situado na antiga Fábrica de Gás Catalana, desativada em 1989.

Partes da fábrica foram preservadas em memória à antiga indústria do século XIX. Esse parque é um espaço de transição aberto entre Barceloneta e Vila Olímpica, que chega até o mar. Os arquitetos projetistas foram Jordi Henrich e Olga Tarrasó, que tiveram a sensibilidade de preservar a estrutura de aço laminado do gasômetro e a torre de água construída em 1905, aliados a um projeto paisagístico diversificado.

Em seguida, fomos até a Biblioteca pertencente à Universidade Pompeu Frabra (UPF). O edifício, chamado Edifici de lês Aigües, foi construído em 1874 pelo arquiteto Josep Fontserè, e com os cálculos estruturais realizados por Antoni Gaudí, com a finalidade de abrigar um reservatório de água para o Park Ciutadella. A obra possui grandes abóbadas de berço com tijolos aparentes que se estendem por toda edificação. Após anos de trocas de uso, iniciou-se, em 1993, uma reabilitação do prédio, que já era propriedade da UPF, para abrigar a biblioteca geral da universidade. O projeto ficou a cargo dos arquitetos Lluís Clotet e Ignacio Paricio.

Saindo desse local, seguimos em direção ao Parc de La Ciutadella, localizado no bairro de Ciutat Vella. O parque foi construído para a Exposição Universal de 1888, também pelo arquiteto Josep Fontserè, com participação de Antoni Gaudí. O projeto foi realizado sob o lema "Os jardins são para as cidades o que os pulmões são para o corpo humano" e conta com uma grande área ajardinada, uma cascata, um lago, além de um jardim zoológico.

Imagem 18 – Collage sobre Barcelona realizado por Cristiane Thies, Taline Maass e Ana Paula Weber no III Workshop Fundació Enric Miralles e ArQUITETURA UFN, Janeiro de 2017. Fonte: acervo dos autores.

BCN



Seguimos, então, para o último destino, o Mercado Santa Caterina, sendo este um projeto do escritório EMBT, proveniente de um concurso no ano de 1997. O projeto mantém partes da estrutura do antigo mercado e cria uma nova cobertura para a pré-existência. A cobertura surge de colagens, mesclando e pixelizando produtos vendidos no interior do mercado.

A visita a todos esses locais possibilitou que nós ampliássemos nossos conhecimentos em relação à característica da história e da arquitetura de Barcelona em diferentes épocas, como também sobre obras do próprio escritório EMBT, permitindo que nós fizéssemos uma análise desses projetos e levássemos cada detalhe em consideração para o nosso projeto, que seria desenvolvido durante o *workshop*.

PASSEJOS PER LA CIUTAT II

André de Siqueira Denardin

A visita ao templo La Sagrada Família talvez tenha sido a visita mais aguardada por todos do grupo, pois trata-se de um ícone do Modernismo Catalão, projetado pelo Mestre Antoni Gaudí, e ainda se encontra em construção, após mais de 100 anos do seu início. Ao avistarmos pela primeira vez, todos ficamos impactados com a grandiosidade e riqueza de detalhes e elementos arquitetônicos empregados. A nossa visita foi guiada em português, e o guia nos apresentou toda a história, as simbologias das fachadas, características da construção e nos guiou pelo interior da Sagrada Família.

Cada fachada tem uma abordagem diferente, um sentimento distinto. Acessamos a fachada da natividade, mas, ao observar toda a parte externa da Sagrada Família, notamos toda a representação visual das crenças cristãs projetadas por Gaudí. Adentrar a nave central e visualizar aquele espaço que parecia uma enorme floresta com suas árvores, irradiada de luz pelos vitrais coloridos e perceber a acústica e todos os detalhes foi uma sensação extraordinária. Concluímos que essa era mesmo a intenção de Gaudí.

Após essa visita guiada, fomos recebidos pelos arquitetos Antoni Caminal e Jaume Serrallonga, que complementaram a fala do guia e nos explanaram sobre a obra atual, sobre como continuam executando um projeto com mais de 100 anos, com conhecimento e tecnologia atuais, desde o cuidado dos materiais novos, a fim de não ocultar o que é atual e o que é antigo, até a tecnologia em impressão digital e escaneamento das peças, algo que nos abriu um grande nicho de arquitetura, restauro e construção aliados à tecnologia. Saímos de lá extasiados com as sensações causadas e muito conhecimento absorvido.

Imagem 20 – Fotomontagem sobre o espaço da Fundació Enric Miralles (Luminária Dome), realizada por Clarissa de O. Pereira, em janeiro de 2017. Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.



DEL COLLAGE CAP A PARAMETRITZACIÓ

Cristian Vinicius Machado Fagundes

A obra do arquiteto catalão Enric Miralles foi importante para a compreensão da modelagem paramétrica aliada à fabricação digital e serviu como inspiração para futuras aplicações. O escritório EMBT é um dos precursores na utilização do corte a laser para a fabricação de luminárias e demais objetos decorativos. Os profissionais defendem que a Dome é uma luminária inspirada nas cúpulas de Igrejas Renascentistas e tem como objetivo não apenas emitir luz, mas também torná-la uma escultura que eleva a personalidade do ambiente. O objeto possui cerca de 170 fragmentos de madeira, que formam um quebra-cabeça, com três tamanhos: 180, 90 e 60 centímetros de diâmetro. As técnicas de repetição, por meio da gramática da forma, criam uma integração entre arte, luz e arquitetura.

Inspirados por este resultado, a primeira experiência assistida pelos processos digitais transcorreu na disciplina de Desenho Paramétrico e Fabricação Digital, lecionada pelos Professores Dr.^a Clarissa de O. Pereira e Ms. Cristian Vinicius Machado Fagundes, no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana. A disciplina abordou tópicos especiais, como princípios fundamentais da fabricação digital e suas aplicações na arquitetura; desenvolvimento de noções do uso de ferramentas relacionadas à fabricação digital; fundamentos teóricos e práticos da modelagem paramétrica. No total, a disciplina contou com a participação de nove alunos e resultou em três protótipos de luminárias. Os produtos foram desenvolvidos com uso das ferramentas Rhinoceros®, Grasshopper® e AutoCAD, e a materialização se deu por meio da fabricação digital com corte a laser.

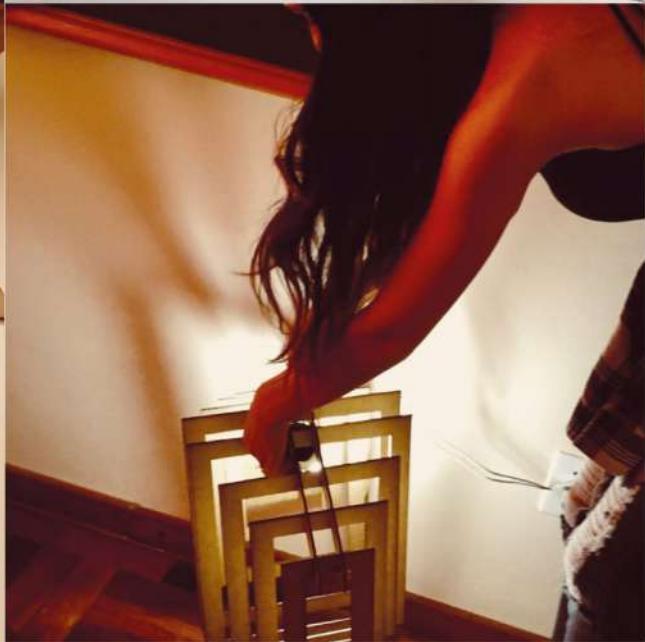
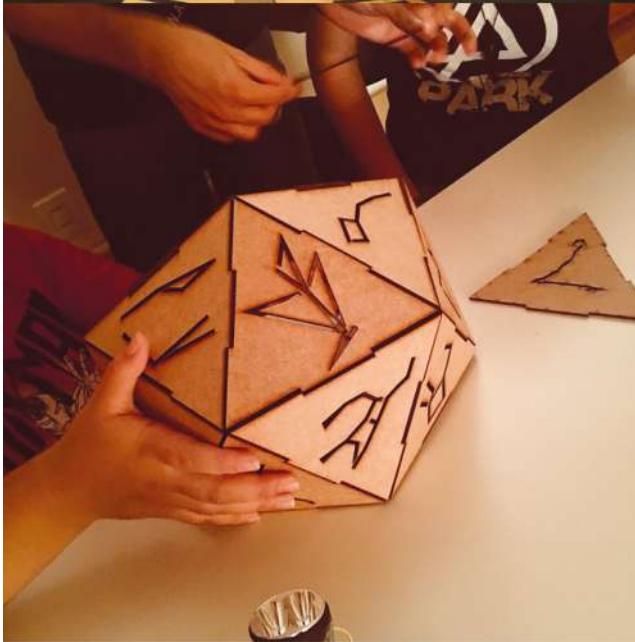




Imagem 21 – Fotomontagem sobre o exercício realizado na disciplina: Fabricação digital de luminárias, realizada por Cristian Vinicius Machado Fagundes, em janeiro de 2017. Fonte: acervo do Arq. Cristian Vinicius Machado Fagundes.



A segunda experiência deu-se na disciplina de pós-graduação em Espaços Comerciais na Universidade Franciscana, também lecionada pelo autor e pela Professora Dr.^a Clarissa de O. Pereira, realizada no primeiro semestre de 2018. Bem como a experiência anterior, o tema em questão foi a concepção de luminárias para um ambiente comercial, desde a sua formulação por meio da modelagem paramétrica até a materialização do produto com corte a laser.

O processo possibilitou um mecanismo de modificações de parâmetros, o que tornou possível a alteração de valores por meio da criação de um conjunto de regras, pois, com a utilização do desenho paramétrico como base lógica para a criação de modelos algorítmicos, foi possível construir um mecanismo de substituição sistemática de valores, o que possibilitou a exploração de múltiplas alternativas, baseadas nos parâmetros pré-definidos de dimensões, formas e quantidade de peças das luminárias. Tais fatores abriram portas para um pensamento mais algorítmico no processo projetual, mas também foi necessário um entendimento maior da lógica computacional e programação.

DEL COLLAGE CAP A LA ARQUITECTURA (RESPOSTAS)

Durante as duas semanas (entre aulas, passeios e “*las correcciones*”), as collages desenvolvidas pelos grupos vão deixando de ser narrativas sobre o lugar e aproximam-se cada vez mais da forma arquitetônica. As sequências são preservadas e fazem parte da construção para a apresentação final, em que os processos e caminhos são tão relevantes quanto os resultados.



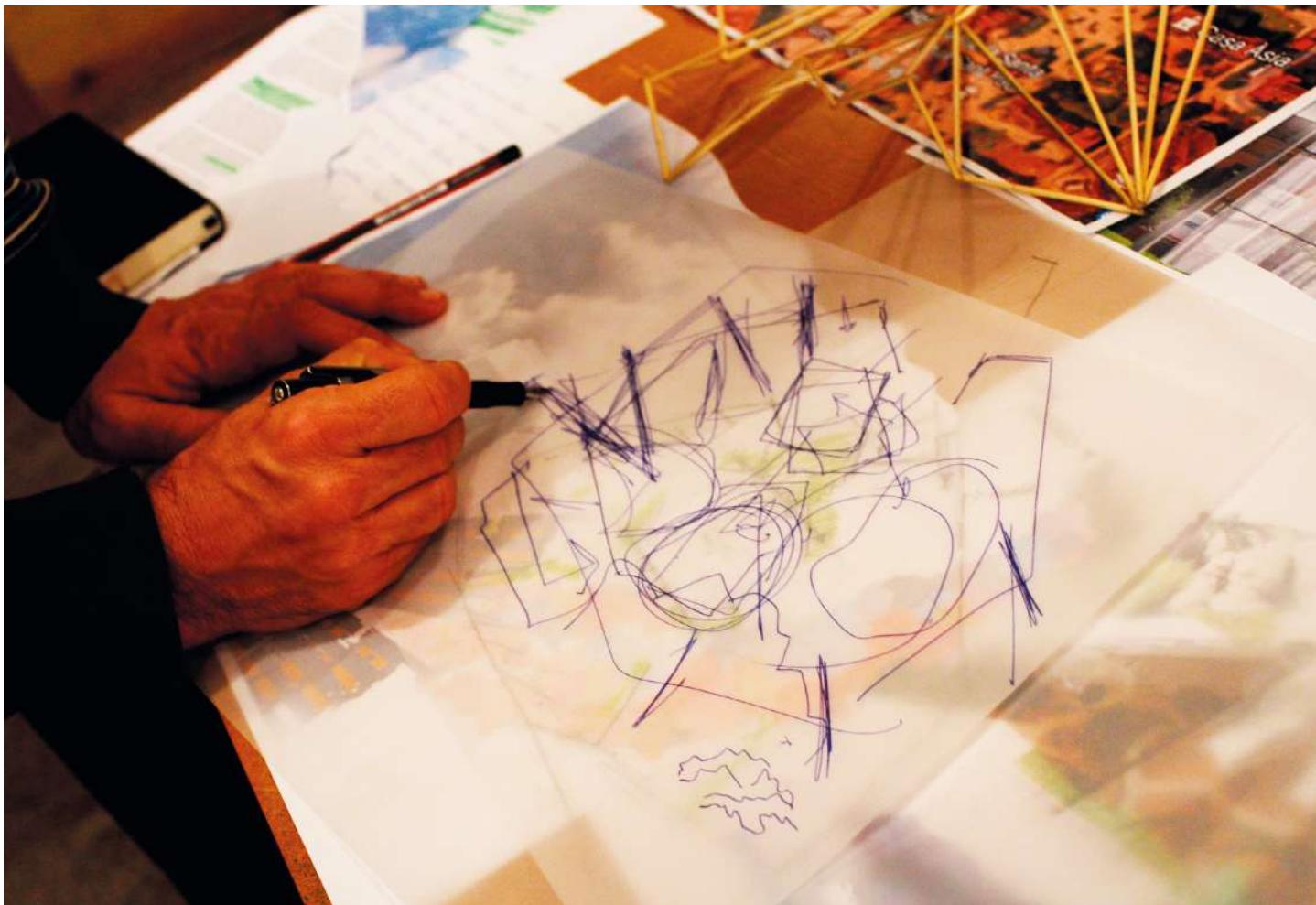


Imagem 22 – Aula e Assessoramento com o Arquiteto do Estúdio EMBT, Salvador Gilabert, janeiro de 2017. Fonte: acervo dos autores.

GRUPO 1: CALIDOSCOPI

Ana Amoretti

Dayelle Bevilacqua

Letícia Martins

A cidade de Barcelona, referenciada por grandiosas obras arquitetônicas de Antoni Gaudí, serviu de inspiração para o projeto. Os elementos irregulares dos mosaicos, peças que se encaixam e se complementam, foram o ponto de partida para a criação dos módulos da proposta.

Em uma visita à Casa Milá, uma residência também conhecida como La Pedrera, percebeu-se, em um dos ambientes, pisos em formatos hexagonais formando desenhos em composição com diferentes cores. Para uma edificação efêmera, esse formato era ideal, já que permite diversos tipos de encaixe, resultando em uma implantação diferente, conforme o local que for instalado.

De modo a atender a um programa de necessidades básico, contendo espaços privados e sociais, foram criados três modelos de paredes encaixadas em uma estrutura *steel frame*. São paredes opacas (placa cimentícia), semiopacas (placas e vidro) e transparente (vidro), que permite a colocação de aberturas adaptadas segundo a orientação solar desejada. As grandes aberturas permitem um contato maior com a natureza do entorno, considerado fundamental para o projeto.





Imagem 23 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 1, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017. Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

Nessa mesma visita, encontramos um caleidoscópio, que tem como característica a distorção da visão real por meio de reflexos. As imagens distorcidas foram fotografadas e utilizadas para a criação da cobertura dos módulos, ora com transparência para a passagem de luz, ora de forma opaca.

A música foi incorporada ao projeto por meio de duas canções, Trem bala (Ana Vilela) e Até o fim (Pouca Vogal). Ambas traduzem sentimentos, como força, esperança, acolhimento, aparando emocional e psicologicamente as pessoas e famílias que ali estiverem.

(...) "A gente não pode ter tudo

Qual seria a graça do mundo se fosse assim?

Por isso, eu prefiro sorrisos

E os presentes que a vida trouxe

Pra perto de mim" (...) Ana Vilela

(...) "Eu não vim até aqui

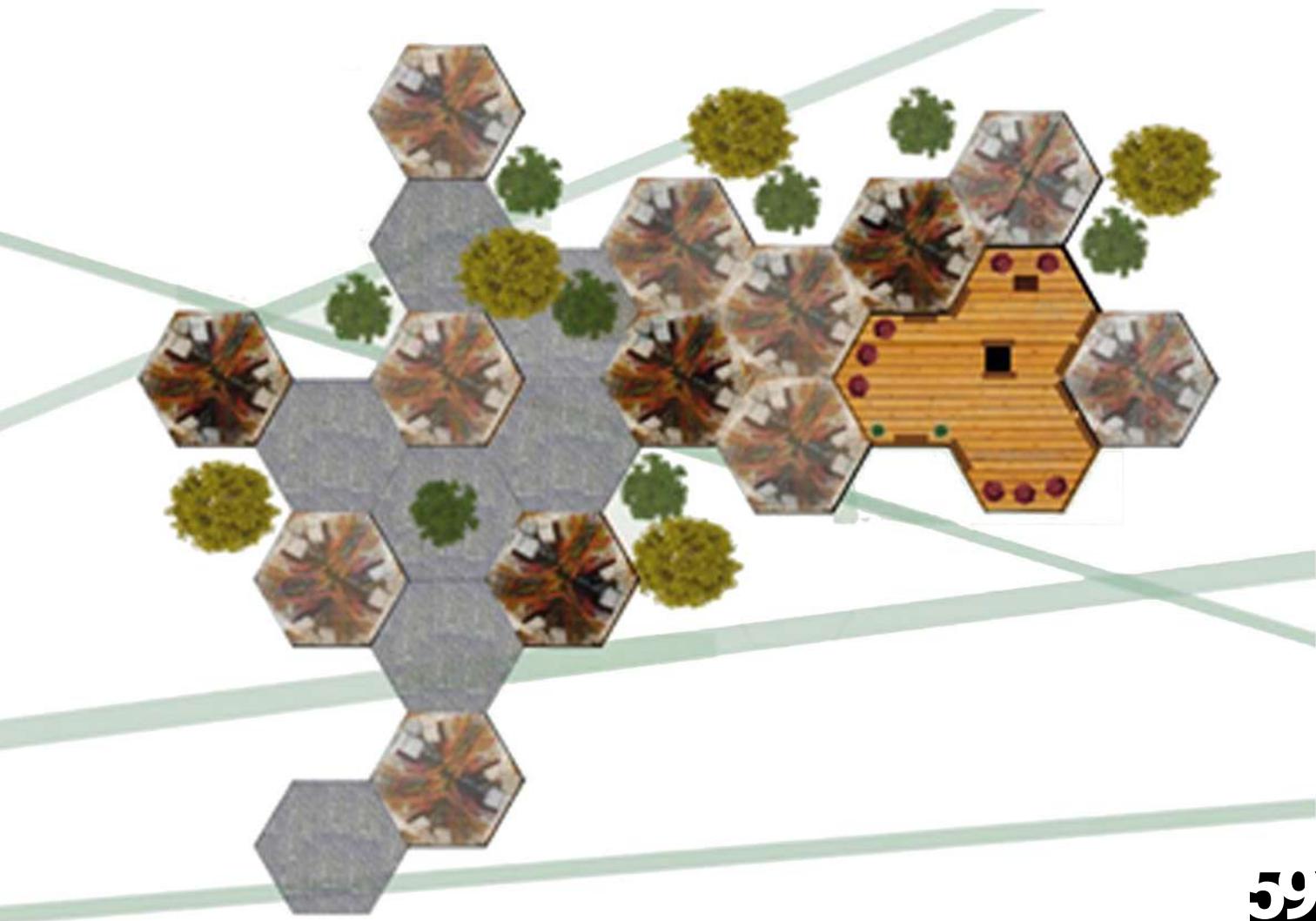
Pra desistir agora" (...) Pouca Vogal

As melodias inspiraram o formato da cobertura. As diferentes alturas, referenciadas pelos diferentes tons das sete notas musicais, agregadas à composição da implantação conforme o terreno, geram diferentes ritmos ao projeto final.

Concluindo, o projeto foi elaborado com o intuito de ser uma estrutura efêmera, de ter fácil montagem e transporte, além de ser adaptável em qualquer terreno e dar liberdade de composição. Os conceitos utilizados foram pensados no bem-estar do paciente, já que este se encontra com problemas de saúde, acompanhantes dos enfermos e demais frequentadores, criando uma edificação singular a cada espaço e aconchegante.



Imagem 24 – Collage realizada pelas alunas do Grupo 1 III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.



GRUPO 2: LES FULLES

Andressa Heck

Camila Saccol Fros

Veridiana Pezzi

A proposta foi inspirada nas percepções absorvidas durante a visita ao hospital Sant Pau, um espaço amplo, com vegetação frondosa e muita cor. Ao analisarmos o ambiente de inserção da intervenção, observamos uma senhora sentada em uma cadeira de rodas contemplando a vida que acontecia fora de seu quarto. A partir desse momento, aspiramos realizar um projeto que proporcionasse exatamente isso, contato com o exterior, que conectasse as pessoas que habitam esse ambiente com a natureza que existe no local, que elas pudessem observar os pássaros, contemplar o sol e se sentir vivas.

Imagem 25 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 2, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

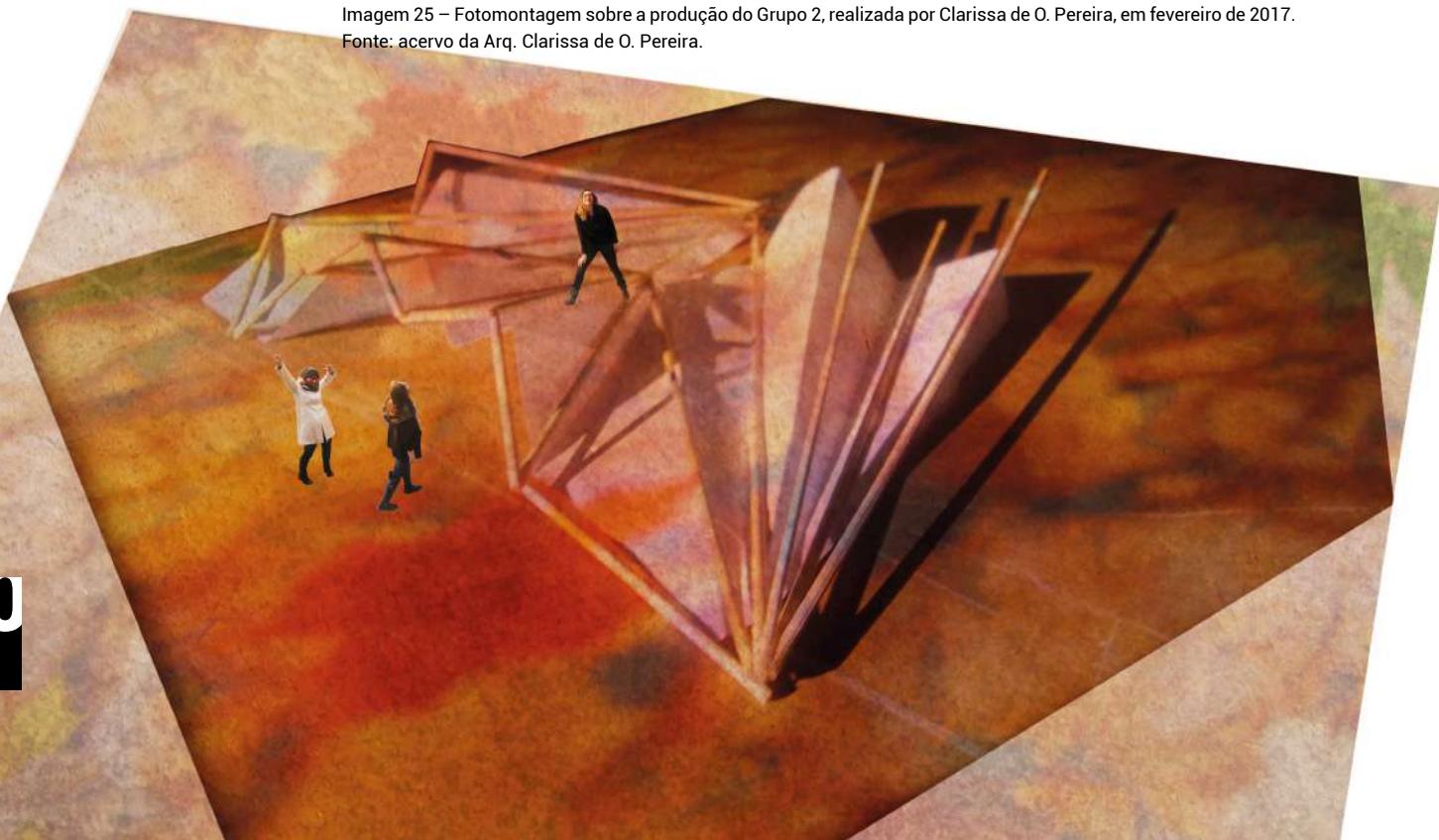




Imagem 26 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 2, realizada por Clarissa de O. Pereira, em janeiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

Em nosso estudo, inspiramo-nos em elementos que nos chamaram atenção na cidade de Barcelona. Entre eles, destacamos as folhas de plátano, os picos do Mont Serrat e os vitrais da Sagrada Família e do Hospital Sant Pau.

Tendo em vista que as montanhas são símbolos de sabedoria, tomamos partido da inspiração do Mont Serrat e trabalhamos com placas dobradas, sistema que possibilita criar uma grande cobertura, que abraçaria o Maggie's Centres. Em vista da escala humana, a proposta daria a sensação de elevação, já em vista espacial, ela lembraria uma grande folha de plátano, com suas ramificações e cores quentes. Para a vedação dessa estrutura, trabalhamos com cobertura translúcida, permitindo que a luz do sol refletisse as cores, gerando um ambiente tranquilo, mas, ao mesmo tempo, dinâmico para os pacientes. Para o fechamento externo, optamos por vidro, sendo apenas um delimitante de espaço, mantendo o contato com o meio externo. Além disso, o contato com a natureza seria proporcionado tanto pelas aberturas zenitais como por um pátio interno, onde uma árvore que sobressai da cobertura simboliza a vida.

O *layout* interno, com planta livre, proporciona a interação para os usuários, com espaços amplos, porém, percebendo que os pacientes em tratamento necessitam de seus momentos de tranquilidade, projetamos ambientes isolados e tranquilos.

Imagem 27 – Collage sobre o Lugar de intervenção, elaborado pelas autoras do grupo 2 - III Workshop
Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, Janeiro de 2017. Fonte: acervo da Arq. Camilla Fros.





GRUPO 3: LES FLORS

Allana Dorneles

Júlia Maffini

Natália Teixeira

O projeto realizado pelo grupo foi no Hospital de la Santa Creu i Sant Pau, uma incrível obra modernista catalã localizada na cidade de Barcelona. O hospital é formado por um conjunto de 12 pavilhões, interligados por uma rede de corredores subterrâneos. O arquiteto, Lluís Domènech i Montaner, teve uma visão muito moderna no projeto, separando as diferentes partes do centro hospitalar, garantindo muito verde, luz e tranquilidade.

Com um novo crescimento da cidade, foi necessária a expansão do atual complexo, por meio da construção de prédios para um novo e moderno hospital, em harmonia com os maravilhosos edifícios modernistas. Com isso, o projeto proposto no *workshop* era a criação de um Maggie's Centre para o hospital, entre a edificação antiga e a edificação nova, um local com boa arquitetura que proporcionasse atendimento gratuito e global para pacientes com câncer.

No nosso projeto, decidimos utilizar contêineres, cuja estrutura permite modificar a posição e o local dos ambientes, além de transmitir a ideia de solidez e retas, assim como o hospital novo, e utilizar uma cobertura curva que ligasse os contêineres necessários, como o hospital antigo, reforçando o conceito do modernismo catalão, de curvas e arcos. Na cobertura, optamos por utilizar uma estampa de flores desconstruídas, que relembram as flores utilizadas na edificação antiga, mas de uma forma minimalista, como na edificação nova.

de O. Pereira, em fevereiro de 2017.



Durante todo o processo de criação, mantivemos forte o conceito de unir o antigo com o novo, já que o local se situava entre ambos os prédios, além de produzir ambientes que trouxessem a tranquilidade de que os pacientes necessitavam para o momento. Conseguindo fazer um projeto que atendesse a necessidade de um Maggie's Centre, com harmonia entre arquitetura e necessidades dos pacientes.







Imagem 29 — Collage realizada pelas alunas do Grupo 3 — III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.

GRUPO 4: LA NATURA

Ana Paula Weber

Cristiane Leticia Oppermann Thies

Taline Alves Maass

O projeto de apoio ao Maggie's Centre visa dar mais conforto e espaço para o convívio entre os pacientes em tratamento de câncer e seus familiares, permitindo que passem momentos juntos fora do ambiente hospitalar, que é um local hostil e que não traz boas lembranças ao paciente. Ao mesmo tempo, a proximidade do hospital se faz necessária para qualquer emergência.

O conhecimento do diagnóstico e o tratamento da doença são momentos que geram intensas angústias na vida do paciente. Isso se justifica pela ruptura na forma de vida habitual somada à incerteza sobre o futuro, o que faz com que haja conflitos internos e diferentes estados mentais, os quais foram descritos, no ano de 1969, pela psiquiatra Kubler Ross, em obra intitulada As cinco fases da dor, desde o momento do diagnóstico até a aceitação da nova situação.

A primeira etapa é a negação, em que o paciente diz para si mesmo que isso não pode estar acontecendo, tentando adiar um pouco a dor que essa notícia traz. Essa fase não se sustenta, pois entra em conflito com a realidade do acontecido e acaba sendo abandonada.

A raiva e o ressentimento compõem os sentimentos da segunda etapa. É resultado da frustração produzida pela nova realidade. O sentimento de raiva se projeta em todas as direções, geralmente atingindo pessoas que não têm culpa de nada.





Na terceira fase, há a intenção fantasiosa de reverter o processo, o paciente tenta várias possibilidades para conseguir alguns anos a mais. Na fase da depressão, há uma profunda sensação de vazio, somada a uma forte tristeza, o que leva a uma crise existencial, que resulta em isolamento e na sensação de que nunca terá fim.

A última fase é denominada aceitação, em que se aprende a continuar vivendo e aceitar a nova condição, com reorganização das atividades, e confortar o esquema mental. Os sentimentos bons voltam à cena, e as coisas vão voltando ao normal.



Imagem 31 – Collage realizada pelas alunas do Grupo 4 – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.

O projeto foi, então, baseado nas cinco etapas da dor, descritas por Kubler Ross. Sendo assim, sua implantação é feita por meio de módulos que lembram a bolha na qual o paciente se encontra e que foram transformados e adaptados aos tamanhos necessários para cada atividade a ser desenvolvida. Foram distribuídos de forma a permitir a formação de diversos ambientes que englobem as diferentes fases.

Para a fase da negação, assim como na fase da ira, foram planejadas salas individuais, salas de reflexão e biblioteca, permitindo atividades mais individuais. Na fase da negociação, foram planejados um café e salas multiuso, o que permite maior interação entre as pessoas. Na fase da depressão, as salas voltam a ser individuais, salas multiuso e um café, pois seria como se a pessoa estivesse em uma bolha e que precisasse ser perfurada, fazendo com que o paciente volte ao convívio normal com o mundo exterior. Na fase da aceitação, um palco e salas multiuso, pois, nessa fase, o convívio com outras pessoas é bem-vindo novamente. Dessa maneira, é o próprio paciente que pode buscar um atendimento individual de acordo com seus sentimentos no momento.



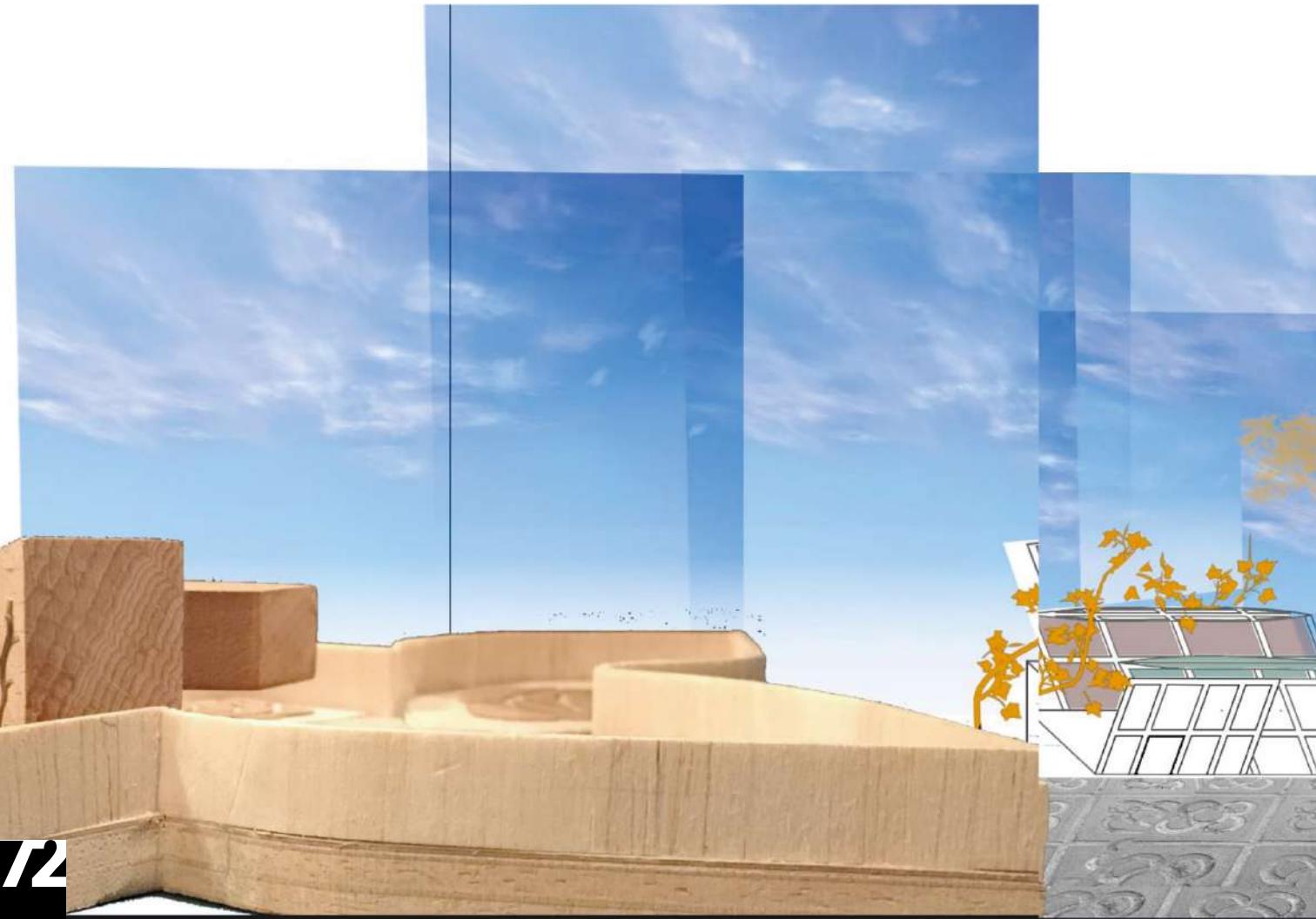


Imagem 32 – Collage realizada pelas alunas do Grupo 4 – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitetura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.

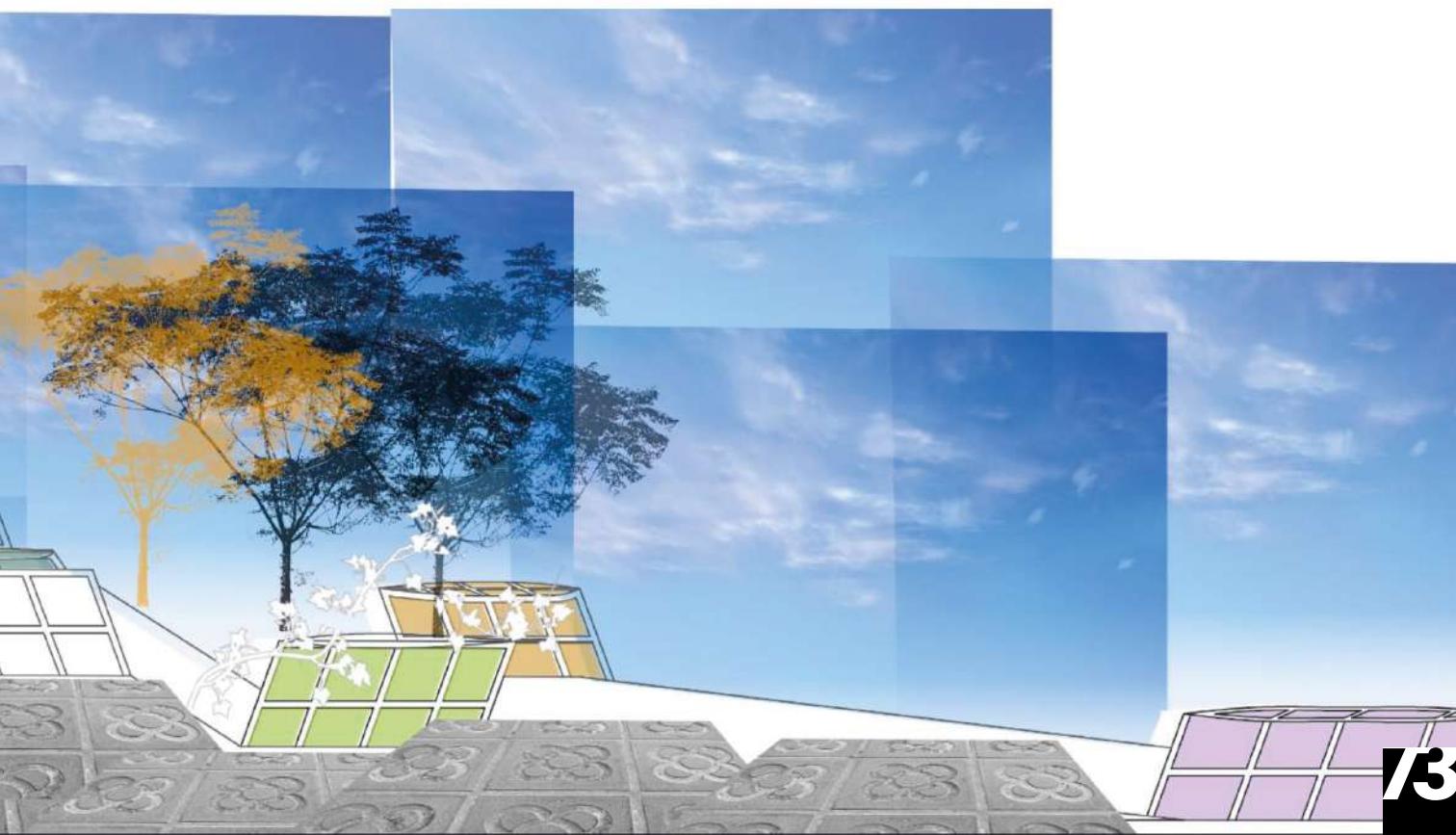


Imagem 33 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 5, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.



GRUPO 5: EL CARGOLET

Eduarda Balke

Leticia Righi

Manuela Brites

Para a proposta do Maggie's Centre, pensamos em criar um local de refúgio para os pacientes que frequentam o hospital Sant Pau, para que eles pudessem sair da frieza do ambiente hospitalar e desfrutar de um espaço mais acolhedor e aconchegante. Durante a visita feita ao local, foram percebidos detalhes que nortearam o desenvolvimento do projeto, como uma árvore existente no local e um caracol presente no meio da vegetação.

Utilizando o processo de colagens, técnica característica do escritório EMBT, expressamos sensações a serem transmitidas ao projeto, por meio da utilização de referências da cidade de Barcelona, que permitiram a percepção do contraste entre o novo e o antigo; entre o neutro e o colorido. Dessa forma, no intuito de trazer um pouco do conforto das casas dos usuários, trouxemos a presença de cores vivas para os ambientes internos, quebrando, assim, a monotonia de hospitais tradicionais.

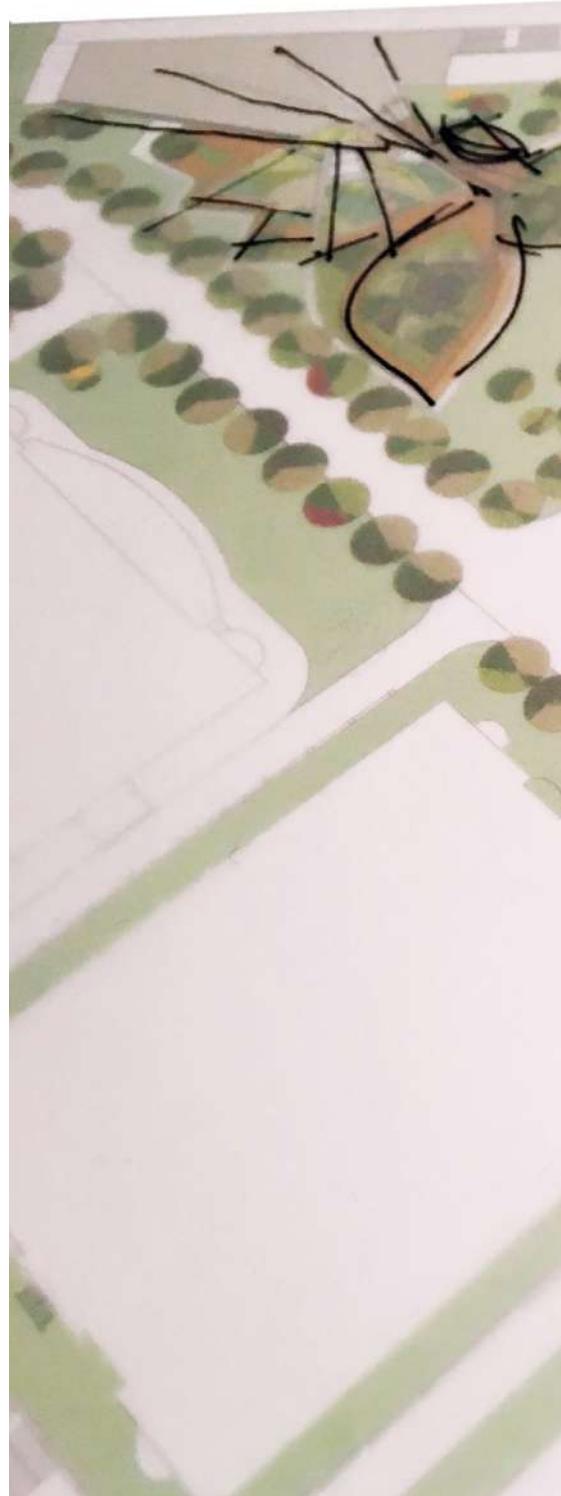
Com tais percepções, o projeto foi iniciado com o objetivo de "envolver" a árvore existente, fazendo com que a edificação circundasse e acompanhasse sua forma. O objetivo principal do projeto era criar um ambiente para ampliar o contato dos pacientes com a natureza, tornando o espaço propício à melhor recuperação.

Sendo assim, por meio de estudos com colagens e maquetes, criamos dois blocos perpendiculares que se interligavam internamente, proporcionando espaços flexíveis e com diferentes usos. Esses blocos possuíam alturas diferentes e uma cobertura ondulada em um dos volumes, que fazia alusão às ondas do mar de Barcelona. Por meio de análises referentes à forma, o projeto passou por modificações de volumetria, sobreposições e composições. Assim, a edificação final transmutou-se para um elemento orgânico e mais fluido, quebrando a perpendicularidade da forma e desconstruindo a ideia pensada inicialmente.

A edificação desenvolveu-se a fim de se mimetizar com a natureza. Logo, criamos uma estrutura que surge como uma continuação do solo e cria um mirante, como uma cobertura verde para contemplação das edificações ali existentes e também do paisagismo circundante.

O programa de necessidades contou com uma recepção, sala social, sala multiuso, cozinha, banheiros, biblioteca, área social externa e área infantil, todos propostos com o objetivo de atender às necessidades do público alvo.

Para a concepção do paisagismo, inspiramo-nos na forma de uma concha de caracol encontrado eventualmente no local de estudo, a qual simboliza proteção e moradia. O desenho de piso configurou-se em uma forma orgânica, criando caminhos que levam até o centro, onde se encontraria a edificação. Por esses caminhos, os pacientes poderiam caminhar, contemplar a natureza e realizar atividades ao ar livre, criando um ambiente de distração e entretenimento, como também tranquilidade e positividade.



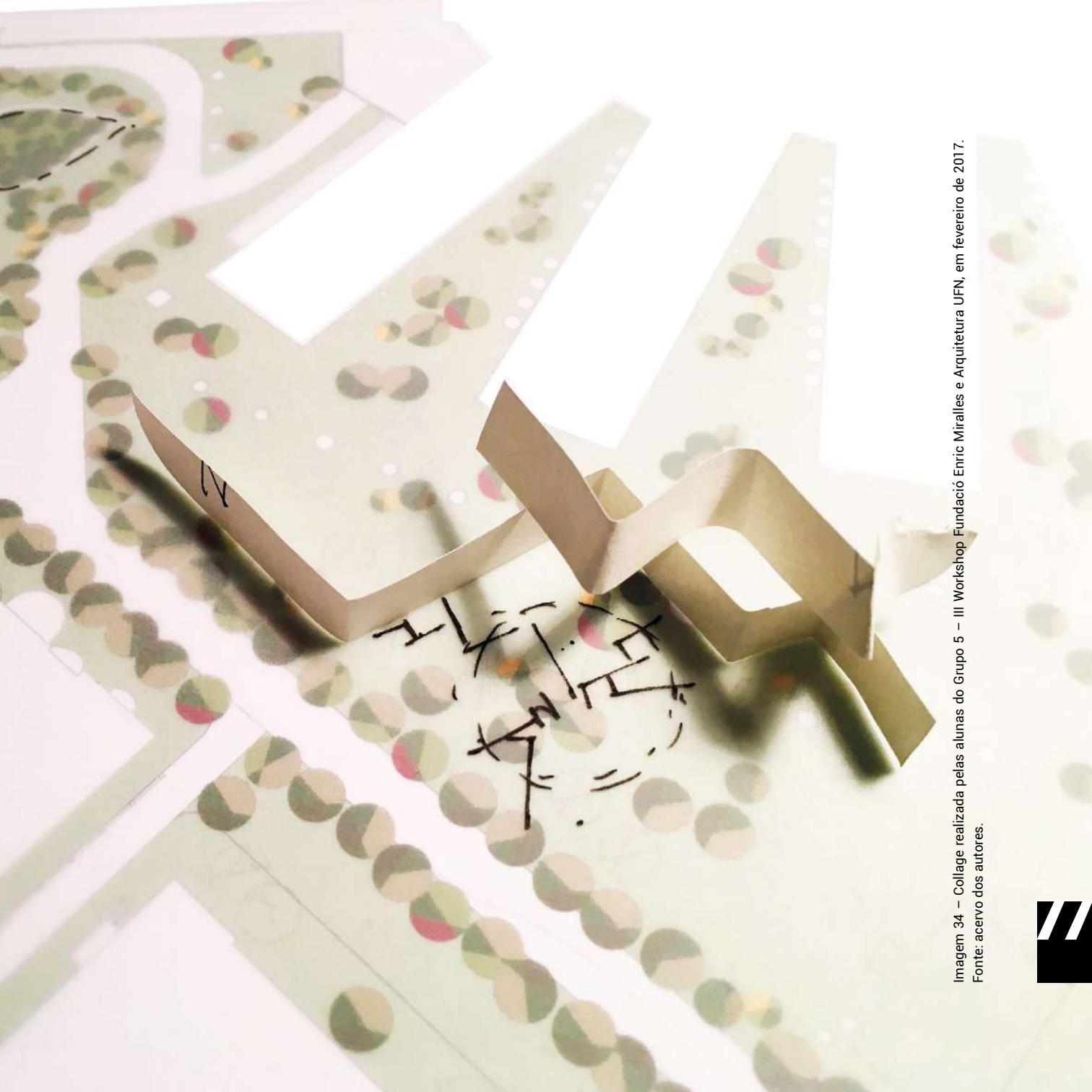


Imagem 34 – Collage realizada pelas alunas do Grupo 5 – III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo dos autores.





Imagem 35 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 6, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.



GRUPO 6: CURVES I COLORS

Jéssica Serafini

Luiza Cantarelli

Rafaella Righi

O projeto de intervenção está localizado no complexo Maggie's Centre – Khálida Sant Pau Center, local voltado para pessoas afetadas pelo câncer, em tratamentos intensivos, projeto do escritório EMBT, anexo do Nou Hospital de La Santa Creu i Sant Pau. A ideia do projeto surgiu ainda na primeira visita ao antigo hospital. Vendo de perto o contraste das instalações do La Santa Creu i Sant Pau, repleto de cores, formas e texturas, e o Nou, com um grande volume de linhas sempre retas e cinzas, logo se pensou que ali era necessária uma intervenção que trouxesse alegria e movimento ao ambiente, abstraindo os pacientes do meio hospitalar.

A intervenção se dá por um trajeto que liga uma das entradas laterais do hospital ao Maggie's Centre. Formando um caminho sinuoso e composto por salas ao longo do trajeto, optou-se por cobrir o percurso com uma estrutura de vidros coloridos, fazendo com que os raios solares iluminem e tornem colorido, literalmente, o caminho dessas pessoas. A cromoterapia diz muito sobre isso, em como o trabalho com as cores e a vibração energética que elas possuem podem contribuir para o tratamento.

Imagem 36 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 6, realizada por Clarissa de O. Pereir
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

Além disso, as curvaturas do trajeto foram desenvolvidas intencionalmente para que o pedestre que estivesse passando ali não avistasse o fim do percurso e aproveitasse o caminho no lugar onde estava de fato, o momento presente. Funciona como uma alusão a quem passa por um tratamento de câncer e tende a desanimar ao ver que a jornada pela frente é longa.

As salas servem de apoio ao Khálida Sant Pau Center, onde podem ser oferecidas oficinas de pintura, aulas de yoga e pilates, ou espaços para rodas de conversa.

Durante todas as fases projetuais desenvolvidas pelo grupo, sempre se tentou promover um apoio baseado em evidências que fortalecem o bem-estar físico e emocional daqueles que por ali passam.







Imagem 37 – Fotomontagem sobre a produção do Grupo 7, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017.
 Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

GRUPO 7: XARXAS

Gabriela Rosa

Giovanna Beckmann

Marcela Chiappa

O popularmente conhecido Hospital de Sant Pau é um hospital de Barcelona, na Espanha, projetado em 1901 pelo arquiteto Lluís Domènech i Montaner. O prédio possui uma arquitetura bem personalizada da época e da região em que se encontra. Desde 1997, é considerado pela ONU como Patrimônio Mundial.

Em plena atividade desde a fundação, a instituição vem se destacando ao longo dos anos de forma cultural, social e também pela sua principal função: ser um excelente hospital. Por isso, em janeiro de 2017, a Fundação Enric Miralles nos propôs fazermos um projeto arquitetônico de intervenção para abraçar as famílias e pessoas que ali fazem tratamentos contra o câncer.

Diante disso, a primeira coisa em que pensamos foi que o projeto deveria ter a identidade do local e, ao mesmo tempo, ser atual; assim como Domènech fez em seu projeto, faríamos no nosso. Visitamos todos os cantos do hospital, tanto a parte antiga como a ala moderna. Então, concluímos que o projeto precisava ter uma história, um sentido, para que as pessoas pudessem usufruir deste espaço com vida e com vontade.

Começamos a pesquisa por estilos e por arquitetos locais, até que decidimos olhar as fotos que nós mesmas havíamos tirado durante nossa viagem por Barcelona e nos deparamos com duas fotos simplesmente incríveis. A primeira delas, tirada no próprio Sant Pau, refletia a luz do sol em uma janela de vidro incolor antiga, e o reflexo gerava um arco-íris de cores perfeitas. A segunda foi uma foto tirada no Parque Guel, que realçava muito a paginação cerâmica, que está presente em todo o parque e que depois descobrimos se chamar Trencadís.

Então, foi assim que surgiu o nosso projeto, com o uso de vidros coloridos, formas que remetiam quase sempre a um triângulo, formando grandes mosaicos coloridos que lembravam a técnica usada por Gaudi, no Parque Guel, e a simples natureza encontrada no próprio hospital, pelo reflexo do sol no vidro de 1901.



APRESENTAÇÃO FINAL

O último dia de *workshop* é a combinação da inquietação para a finalização dos trabalhos com a celebração das apresentações. Profissionais da arquitetura, de áreas complementares e professores que participaram do processo são convidados a compor a banca final, que tem como propósito contemplar o material trabalhado durante essas duas semanas. As narrativas desenvolvidas por meio das collages, collages tridimensionais e maquetes são ordenadas em formato de instalações artísticas com o suporte da projeção para a apresentação. Não se trata de uma apresentação convencional de projeto, em que se analisa a destreza e a coerência do que representam estas arquiteturas nos aspectos mais técnicos. Os resultados são incompletos e imprecisos.

Nas propostas desenvolvidas nos workshops organizados pela Fundació Enric Miralles, parece importar mais os processos criativos do que uma resposta fechada e concreta. E são estas narrativas “sem fim” que nos impulsionam a buscar a continuidade de um programa que tão bem complementa o nosso curso de Arquitetura e Urbanismo.

Fins Aviat!





Imagem 38 – Fotomontagem sobre a apresentação final dos trabalhos, realizada por Clarissa de O. Pereira, em fevereiro de 2017.
Fonte: acervo da Arq. Clarissa de O. Pereira.

REFERÊNCIAS

ADES, Dawn. **Photomontage**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

ADORNO, Theodor W. Revendo o Surrealismo. *In: Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (primeira versão). *In: Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FLÔRES, Anelis Rolão. **A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, PROPAP, Porto Alegre, 2019.

FUÃO, Fernando. **Arquitectura como Collage**. 1992. Tese (Doutorado) – Universitat Politècnica de Catalunya. Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona: Departament de Projectes Arquitectònics, UPC, Barcelona, 1992.

GRANELL, Enrique. Una maleta plena de arquitectura. *In: ROVIRA, Josep M. Enric Miralles*, 1972- 2000. Colección arquia/temas, nº 33. Barcelona: Editora Fundacion Caja de Arquitectos, 2011.

LYNCH, Patrick. Iniciada a construção do inovador centro de tratamento ao câncer em Barcelona. **Archdaily**, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/872603/iniciada-a-construcao-do-inovador-centro-de-tratamento-ao-cancer-em-barcelona>. Acesso em: Acesso em 30 de março de 2022.

MIQUELIN, Lauro Carlos. **Anatomia dos edifícios hospitalares**. São Paulo: CEDAS, 1992.

MIRALLES, Enric. El Interior de un Bolsillo. *In: El Croquis*: Enric Miralles y Carme Pinós. 1983-1990. Nº 30, 49 +50. ed. Madrid: El Croquis Editorial, 1994.



PEREIRA, Clarissa de O.; VIEIRA, Liese. **Arquitetura efêmera no centro histórico de Barcelona**: I workshop de arquitetura FEM/EMBT e arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Franciscano. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2017.

RUTA, Matteo Francesco. Within a vital architecture. *In*: **Miralles Tagliabue EMBT**. Italy: Moleskine SpA, 2017.

SANZ, Salvador Gilibert. **Enric Miralles, el dibujo de la imaginación**. 2015. Tese (Doutorado) – Universitat Politècnica de València. EGA: Expressión Gráfica Arquitectónica, València, 2015.

SANZ, Salvatore Gilibert. **Palestra**: A collage na obra de Enric Miralles, concedida a pedido da autora. Barcelona, 2017. Tradução nossa.



Imagem 39 – Collage sobre Hospital St. Pau i Sta. Creu realizado por alunas do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN. Fonte: elaborado pelos alunos do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitectura UFN (2017).

editora
UFN

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Salette Mafalda Marchi

CAPA, PROJETO GRÁFICO E SUPERVISÃO GRÁFICA

Fagner Millani

REVISÃO GRAMATICAL E LINGUÍSTICA

Janette Mariano Godois – Português

Ana Paula Ramos da Silva – Espanhol

NOTA: A elaboração dos textos e qualidade das imagens são responsabilidade dos autores.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro aos profissionais da arquitetura e sua incansável busca pela qualidade dos Ambientes Assistenciais de Saúde. Aos profissionais da oncologia e áreas complementares, que tanto contribuem para a pesquisa, tratamento e cura do câncer. Aos pacientes em tratamento. À Maggie. Ao Enric Miralles.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Franciscana, à Fundació Enric Miralles, ao Estudio EMBT, à Das Group, aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFN e às alunas que participaram desta edição, que foram fundamentais para a continuidade deste programa.

Imagem 40 – Apresentação dos trabalhos finais e despedida. Foto do grande grupo do III Workshop Fundació Enric Miralles e Arquitetura UFN, em 10 de fevereiro de 2017. Fonte: acervo dos autores.



PATROCINADORES

